

Convivência entre as pessoas que vivem a deficiência de maneiras diferentes a Pedagogia da Cooperação para venSer juntos

Ivette Kafure Muñoz
Maiara Nicolodi Ioris
Fernando Henrique Lopes Pereira



Convivência entre as pessoas que vivem a deficiência de maneiras diferentes a Pedagogia da Cooperação para venSer juntos

Ivette Kafure Muñoz
Maiara Nicolodi Ioris
Fernando Henrique Lopes Pereira

Brasília
Faculdade de Ciência
da Informação - FCI/UnB
2021



UnB



Reitoria**Reitora**

Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor

Enrique Huelva Unterbäumen

Decanatos**Decanato de Administração (DAF)**

Maria Lucília dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Ileno Izidio da Costa

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Sergio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pós-Graduação (DPG)

Adalene Moreira Silva

Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI)

Cláudia Naves David Amorim

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Carlos Vieira Mota

**Decanato de Planejamento, Orçamento e
Avaliação Institucional**

Denise Imbroisi

**Faculdade de
Ciência da
Informação****Diretor**

Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Vice-diretor

Rogério Henrique Araújo Junior

Faculdade de Ciência da Informação - FCI/

Edifício da Biblioteca Central (BCE) – Entrada Leste -
Campus Universitário Darcy Ribeiro Asa Norte -
Brasília, DF
CEP 70910-900

Convivência entre as pessoas que vivem
a deficiência de maneiras diferentes
a Pedagogia da Cooperação
para venSer juntos



Ivette Kafure Muñoz
Maiara Nicolodi Ioris
Fernando Henrique Lopes Pereira



Brasília
Faculdade de Ciência
da Informação - FCI/UnB
2021



© Direitos reservados

Autores: Ivette Kafure Muñoz,
Maiara Nicolodi Ioris e
Fernando Henrique Lopes Pereira

Coordenação

Editorial: Claudia Neves Lopes

Prefácio: Pá Falcão

Ilustrações: Marina Cardoso Anchises

**Diagramação e
projeto gráfico:** Claudia Neves Lopes

**Ilustração
da Capa:** Marina Cardoso Anchises

**Disponível
também em :** <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41884>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kafure Muñoz, Ivette

Convivência entre as pessoas que vivem a
deficiência de maneiras diferentes [livro
eletrônico] : a pedagogia da cooperação para
venSer juntos / Ivette Kafure Muñoz, Maiara
Nicolodi Ioris, Fernando Henrique Lopes Pereira. --
1. ed. -- Brasília : Faculdade de Ciência da
Informação, 2021.

PDF

ISBN 978-65-87555-01-0

1. Convivência 2. Deficiência - Educação
3. Educação 4. Inclusão escolar 5. Pedagogia
6. Pessoas com deficiência 7. Pessoas com
deficiência - Convivência 8. Pessoas com
deficiência - Educação I. Ioris, Maiara
Nicolodi. II. Pereira, Fernando Henrique Lopes.
III. Título.

21-68969

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Pedagogia da convivência : Educação 370.115

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Este livro é para:

as pessoas que são excluídas;

as pessoas que se sentem excluídas;

as pessoas que acreditam que a convivência é possível;

as pessoas que estão com dificuldade de convivência;

os leitores que navegam, nesse instante, com a gente;

os nossos familiares e amigos, companheiros de viagem...

Agradecemos...

Às nossas famílias, companheiros, companheiras, pessoas queridas por compreenderem os momentos de ausência durante a realização desse belo empreendimento que tem enriquecido nossas vidas.

Ao Projeto Cooperação; à Karina, pelo incentivo, permanecendo em nossos corações; à Lena, por ter sido muito querida e nos acompanhar; à Denise, por sempre estar por perto; ao Fábio, por ter sido inspirador nesse sonho cooperativo; à Eliana (Lilli), pelo apoio.

A todos os facilitadores, por compartilharem conosco os saberes que permitiram com que chegássemos até aqui: Fábio Brotto, Maria Lenilda Almeida, Roberto Martini, Denise Jayme, José Romão, Alexandra Reschke, Sidnei Soares, Vera Lucia de Souza e Silva, Ana Paula Peron, Pá Falcão, Fernando Stanziani, Luiza Padoa, Rodolpho H. Martins, Lydiá Rebouças, José Pacheco, Marco Aurélio Bilibio, Edgard Gouveia Jr., e Eliana R Fausto. Com eles, quanto temos aprendido em todos os sentidos!!!

Ao nosso Querido Grupo Lar, a todos seus membros que ficaram, aos que estão nos acompanhando de uma outra maneira, pela partilha mês a mês tecida. Gratidão pela oportunidade de formarmos todos uma Grande família.

Aos participantes do Workshop para Quem vive e não Vive a Deficiência, Viver em Coexistência. À Faculdade da Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB), em especial à Extensão Universitária da FCI, pelo apoio durante a Semana Universitária para aplicação das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação.

Agradecemos à Universidade da Paz – UNIPAZ e a toda a equipe: do restaurante, do lanche, da estadia, da portaria, da limpeza. Gratidão também pelo espaço acolhedor, que nos auxiliou em todos os sentidos, pelos bons momentos de cachoeira, gratidão!

À Universidade Paulista - UNIP, pelo auxílio e apoio administrativo.

A Paula Falcão (Pá) e Alexandra Reschke (Alê), nossas queridas orientadora e coorientadora, respectivamente. Somos gratos por terem aceitado nos impulsionar, pelas reuniões, por acolher as nossas perguntas, inquietações, pelas ideias geradoras de experiências relevantes para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

Gratidão a Marina pelas ilustrações, às pessoas que contribuíram na revisão do texto, a Cláudia Neves Lopes do Núcleo de Editoração e Comunicação (NEC) da FCI pela Coordenação Editorial, Projeto Gráfico e a Diagramação, a FCI por abrir espaço para a edição e nascimento do livro, a todos os que colaboraram de uma ou outra maneira, incluindo nossos pets, como a Pérola, pela magia, alegria e por iluminar os caminhos percorridos.

*“Se me permito ver o outro,
conhecendo seus sonhos, entendendo suas dificuldades,
posso melhor conviver com ele e aceitar suas diferenças,
inclusive aprender com elas.”*

Fábio Otuzi Brotto

Listas

FIGURAS

Figura 1:	Estrutura da Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade (CIF)	35
------------------	---	----

ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1:	Primeiro dia do Workshop	57
Ilustração 2:	Centro Sagrado com os cinco elementos da Natureza	60
Ilustração 3:	Participante escrevendo suas In-Quieta-Ações	62
Ilustração 4:	Exercício de Fortalecimento de Alianças e Parcerias	64
Ilustração 5:	Focalizadora e participante em parceria	65
Ilustração 6:	Instrumentos utilizados pelo participante para escrever e desenhar com os pés em dispositivos digitais	67
Ilustração 7:	Participante experimenta os instrumentos utilizados por outra para escrever e desenhar com os pés em dispositivos digitais	68
Ilustração 8:	Participante utilizando tampões nos olhos	69
Ilustração 9:	Pessoas confraternizando no momento do lanche oferecido pela Extensão da FCI para celebrar a Semana Universitária	72
Ilustração 10:	Encenação Teatral	74
Ilustração 11:	Celebração com a dinâmica de rede feita com um barbante	77
Ilustração 12:	Com-Vivendo e Celebrando	79
Ilustração 13:	Pessoas socializando e prontas para fotos	80

IMAGENS

Imagem 1:	Workshop para Quem Vive e não Vive a Deficiência, Viver em Co-Existência	48
------------------	--	----

Imagem 2:	Semana Universitária da Universidade de Brasília	49
Imagem 3:	Com-Trato do Workshop	82

QUADROS

Quadro 1:	Roteiro de Manifesto em formato de Encenação Teatral	73
Quadro 2: :	Roteiro de Manifesto em formato de vídeo	75
Quadro 3:	Relação entre itens do referencial teórico e os objetivos da pesquisa realizada	88

Sumário

Agradecemos...	9
Listas	13
Prefácio	17
Apresentação	19
Nascimento, Com-Tato e Introdução	21
Nascimento, Com-Tato e Introdução	23
Motivação e Justificativa	27
Sustentação e Referencial Teórico	31
Co-Existência e Com-Vivência versus Inclusão e Exclusão	31
Deficiência e Potencialidade	32
Autonomia, Independência e interdependência	37
Processo Criativo e de Co-Criação	39
Importância da Comum-Unidade	40
Caminhos Percorridos	47
Aplicação da Pedagogia da Cooperação e <i>Workshop</i>	50
Com-Vivência na Coleta e Análise dos Dados	55
Primeiro dia do <i>Workshop</i>	56
Segundo Dia do <i>Workshop</i>	59
Terceiro Dia do <i>Workshop</i>	63
Quarto Dia do <i>Workshop</i>	66
Quinto Dia do <i>Workshop</i>	70

Considerações, Projeto e Celebração	87
Referências	91
Apêndice	95
Planejamento realizado do Workshop para quem Vive e não Vive a Deficiência, Viver em Co-Existência	95
Primeiro dia	95
Segundo dia	95
Terceiro dia	95
Quarto dia	96
Quinto dia	96
Minibiografias dos Autores	99
Ivette Kafure Muñoz	99
Maiara Nicolodi Ioris	100
Fernando Henrique Lopes Pereira	101

Prefácio

Há algum tempo tive contato com um texto de Rubem Alves, “Como Nasceu a Alegria”. Nele, Alves conta a estória de uma flor que nasceu com uma pétala partida e como a diferença gerou tudo o que há de bom no mundo.

Acredito firmemente que a humanidade só progride através da diversidade e da inclusão. Ivette, Maiara e Fernando conseguiram, com este trabalho prestar um serviço direto a este desenvolvimento da humanidade.

A Pedagogia da Cooperação é um poderoso instrumento de ampliação de consciência e mudança social, onde os participantes podem experimentar na prática a força de um grupo cuja cooperação se baseia em princípios, não em circunstâncias. Faz parte da metodologia elaborar projetos de cooperação, e o grupo, tão diverso, criou o mesmo manifesto em várias linguagens diferentes, trazendo o acolhimento, a diversidade e a inclusão inclusive na maneira com que o trabalho foi desenvolvido.

Este livro é muito importante tanto para os que querem trabalhar com a Pedagogia da Cooperação, pois traz toda a descrição de como foi o trabalho, quanto para aqueles que trabalham ou precisam conviver com o diferente em seu dia a dia (ou seja, todo mundo!).

É importante perceber que, tanto como sociedade quanto no âmbito pessoal, estamos todos em um processo constante de conscientização e tomada de consciência.

No próprio trabalho isto se manifestou quando, por exemplo, mesmo com o apoio da universidade, um dos participantes não conseguia entrar pois a entrada acessível estava trancada. Neste sentido, o livro não deixa de ser uma bandeira, uma sensibilização aos direitos das pessoas que vivem a deficiência.

Mas é muito mais que isso. É uma amostra da riqueza que o diferente oferece. De como a aparente autossuficiência das pessoas que não

vivem a deficiência pode limitar seus pontos de vista e como esta convivência e cooperação ajuda todos a ampliarem sua visão e atuação na vida.

Sermos diferentes para podermos divergir e através da experiência ganha com a diversidade convergir - não para sermos iguais, mas para colaborarmos uns com os outros para a construção de um mundo onde todos possam expressar o seu melhor.

Esta, para mim, é a lição que ficou de ter orientado o trabalho, e agora, ao ler o livro, foi devidamente reforçada.

Que este seja só o primeiro de muitos trabalhos deste tipo. Que este livro mostre a outros grupos de pessoas que querem integrar e incluir a diversidade que é possível.

Meus agradecimentos à Ivette, Maiara e Fernando por serem quem são! Foi um privilégio e uma honra fazer parte desta história e uma alegria continuar sendo amiga!

Pá Falcão

Apresentação

Ivette, Maiara e Fernando chegaram à Universidade da Paz (Unipaz) para fazer a especialização em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas. Se conheceram e compartilharam com os demais membros do Lar, como foi chamada carinhosamente a turma, em meio a risos, conversas, rodas, ideias, amizade e aprendizado de temas tais como: Pedagogia da Cooperação, Princípio da Com-Vivência, Jogos Cooperativos, Danças Circulares, Princípio da Cooperação, Investigação Apreciativa, Comunicação Não-Violenta e Transformação de Conflitos, World Café e Open Space, Metodologia da Pesquisa e Projetos de Cooperação, Transformação de Focalizadores, Princípio da Co-Existência, Dragon Dreaming, MusiCooperação e criação de Atividades Cooperativas, Princípio da Com-Unidade, Oásis e The Call e Encontros TransPiradores. Decidiram elaborar juntos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): “Convivência entre a pessoa que vive e não vive a deficiência: a Pedagogia da Cooperação como instrumento facilitador”. O TCC que foi apresentado no Seminário: As boas práticas da Pedagogia da Cooperação. Este livro: “Convivência entre as pessoas que vivem a deficiência de maneiras diferentes: a Pedagogia da Cooperação para VenSer Juntos” foi inspirado no TCC e nasce com a ideia de compartilhar esta bela caminhada que só está começando. Boa leitura!

As ilustrações foram feitas por Marina Cardoso Anchises a partir de fotografias realizadas pela Extensão Universitária da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) e pelos autores e facilitadores do Workshop para quem vive e não vive a deficiência - viver em co-existência, que aconteceu em 2019 na Semana Universitária na FCI da Universidade de Brasília.

Nascimento, Com-Tato e Introdução



Nascimento, Com-Tato e Introdução

Os quatro princípios da Pedagogia da Cooperação são: Co-Existência, Com-Vivência, Cooperação e Comum-Unidade. Eles se baseiam na filosofia da cooperação e se fundamentam nas práticas do nosso cotidiano. Tais fatores são reconhecidos pelo Projeto Cooperação como princípios da vida.

Nesta pesquisa, foram trabalhados os quatro princípios da Pedagogia da Cooperação. Neste processo, foi verificado que, para trabalhar o princípio da Com-Vivência, é imprescindível reconhecer o outro, e este é um dos fundamentos do princípio da Co-Existência. Para estar em Com-Vivência, entende-se que somos parte de uma mesma Comum-Unidade na qual é preciso cooperar para um bem-estar comum, para viver a deficiência de maneiras diferentes.

Numa Com-Vivência, nós somos por inteiro, reconhecemos o outro para estar com ele. Esse passo nem sempre é fácil, mas é fundamental. Na palavra “Com-Vivência”, é dado o destaque ao elemento “com” como um antepositivo que reforça o sentido do verbo “viver”, como uma forma de viver esse encontro.

A diferença entre as pessoas nem sempre é valorizada ou inclusiva. Não existe uma homogeneidade. Vivemos em uma sociedade diversa. As diferenças podem significar e promover mais qualidade nas relações e nos laços, além de enfatizar que nossas necessidades são semelhantes e plurais.

Temos nossas singularidades, nossos medos e nossas potencialidades. Experimentamos, na realização deste trabalho, a diversidade e a Comum-Unidade de nosso Ser a partir da visão de diferentes áreas de trabalho. Este trabalho uniu três pessoas de áreas de formação diferentes: uma professora da Universidade de Brasília (UnB), um Policial Militar e uma Terapeuta Ocupacional. Em Com-Vivência, perceberam que viviam

em contextos muito semelhantes, pois na atual conjuntura brasileira as áreas de educação, segurança e saúde são excluídas, e, ao mesmo tempo, excludentes, além de receberem pouco investimento. A conexão entre esses três profissionais de atuações diversas se dá pela busca e pelo desejo de viver com as pessoas de forma mais integradora, inclusiva e humana, reconhecendo e valorizando as diferenças, que são riquezas incomensuráveis da convivência.

Quando se fala de pessoas que vivem uma deficiência, há ainda muito desconhecimento de seu significado. É preciso superar esta barreira para integrar, incluir e construir ambientes de convivência e sentimentos de pertencimento. Melhor dizendo, entrar para a vida, convivendo com as diferenças entre as pessoas.

Quando dizemos que somos normais, quando somos todos iguais, e somos patológicos quando alguma coisa nos diferencia, estamos diante de um pensamento desatualizado, conforme esclarece Izabel Maior, médica da reabilitação (MAIOR e BEZERRA, 2016), além de reforçarmos um estigma que leva à não aceitação do outro como ele é. Entre as barreiras difíceis, para uma pessoa que vive uma deficiência, destaca-se a de vencer a inclusão na família, na educação e no mercado de trabalho.

O estigma traz a questão de que, se a pessoa apresenta sua “fragilidade”, não somente no caso da pessoa com deficiência, isto é algo assustador, talvez porque se saiba que haverá discriminação e até mesmo inúmeras barreiras de acesso, ainda mais quando se trata da pessoa com deficiência.

A deficiência incorpora todos nós, pois em algum momento da vida nos colocamos nessa questão. Podemos sofrer um grave acidente e termos nossas pernas amputadas, tornarmo-nos tetraplégicos, adquirir uma poliomielite, dentre outras situações (BEZERRA, 2016).

Neste trabalho, buscou-se compreender quais situações podem ser trabalhadas como investimentos para facilitar a convivência entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência, utilizando a Pedagogia da Cooperação.

Motiva-Ação e Justificativa



Motiva-Ação e Justificativa

Esta pesquisa busca facilitar a inclusão e a integração da pessoa com deficiência em diferentes ambientes. Temos consciência de que mesmo com a legislação, a educação profissional e um bom aparato teórico e conceitual, ainda é preciso promover a convivência. Porque é a convivência que vai facilitar a construção de projetos cooperativos e de Comum-Unidade.

As dificuldades que algumas organizações de trabalho e educação têm são coincidentes com as dificuldades de algumas famílias e da comunidade, que acabam por promoverem a inclusão sob um viés assistencialista (em que o indivíduo é julgado pelas suas limitações e costuma ser incluído a partir de demanda afetiva gerada por um sentimento de culpa ou compaixão) e, acabam por não promoverem a integração, em uma perspectiva que contemple as necessidades de realização ontológica da pessoa que vive a deficiência, nos âmbitos pessoal, organizacional e social.

A convivência do indivíduo com outras pessoas em Comum-Unidade pode abrir espaço de percepção e descoberta, considerando um vasto rol de limitações e possibilidades. Logo, a educação dialógica e cooperativa pode ser eficaz, oferecendo efetivos meios de promoção e articulação da coesão social.

Esta pesquisa propõe-se a responder à seguinte pergunta: quais situações podem ser trabalhadas e quais investimentos podem ser feitos para facilitar a convivência entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência?

Eis o objetivo geral da pesquisa: facilitar a convivência entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência.

Entende-se que a proposta de estudo está alinhada ao fundamento essencial da Pedagogia da Cooperação: “criar ambientes colaborativos

onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa *VenSer*² plenamente quem É para poder *SerVir* mais completamente ao bem comum” (BROTTO, 2018, p. 2).

Para alcançar o objetivo geral, foram considerados os objetivos específicos a seguir:

- Criar espaços de conexão entre as pessoas que vivem e não vivem a deficiência.
- Identificar as necessidades de pertencimento de quem vive e não vive a deficiência.
- Reconhecer potencialidades existentes entre as pessoas.
- Construir soluções criativas para Com-Vivência entre quem vive e não vive a deficiência.
- Sensibilizar o público para a importância do senso de Comum-Unidade.

² TÁVOLA, Artur da - Isso de Ganhar, in Comunicação é Mito: televisão em leitura crítica, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275-279. O termo *venSer* indica como propósito da Pedagogia da Cooperação “a busca pelo vir-a-ser quem se é, o mais plena e autenticamente possível” (BROTTO, 2018, p. 2).

Sustenta-ção e Referencial Teórico



Sustenta-Ação e Referencial Teórico

Co-Existência e Com-Vivência *versus* Inclusão e Exclusão

A palavra existência deriva do latim *existere*, que significa “ter existência real”, “ser” (CUNHA, 2010). Nessa linha de pensamento, o termo Co-Existência traz a conotação do “existir com”. Na perspectiva de Brotto (2018), a Co-Existência trata da interdependência entre tudo e todos. Todos inter-somos na Co-Existência cotidiana.

Se a Co-Existência pressupõe a relação entre tudo e todos, como uma condição da vida, a Com-Vivência trata das relações em que os participantes são considerados em todas as suas estruturas do ser, de forma que a vida em comum deve considerar e reconhecer as pessoas em suas inteirezas. A convivência é a chave da inclusão.

A palavra “incluir” deriva do latim *includere*, que significa “abran-ger, compreender, envolver” (CUNHA, 2010). Por outro lado, exclusão deriva do latim *excludere*, que significa “ser incompatível, afastar, recusar” (CUNHA, 2010). Na semântica, os termos inclusão e exclusão guardam significados de oposição entre si. No campo factual, se estabelece uma relação entre esses conceitos.

Orrú transcreve o relato de uma mãe de uma criança autista em que ela disse: “gosto de fazer um paralelo entre a inclusão e a exclusão, porque a inclusão só existe porque há a exclusão; um conceito depende do outro” (2017, p. 82).

Para Freire (2002, p. 61), a exclusão não é um movimento que direciona a pessoa para fora do sistema. A exclusão é um movimento que inclui a pessoa num sistema de marginalização e incorporação desta em um sistema que inviabiliza o exercício de sua própria autonomia e vocação ontológica.

A exclusão se estabelece nas diferenças classificatórias, quando o movimento classificatório é produzido sem qualquer contato, escuta e/ou interação entre pessoas, como convencionalmente se faz com objetos quaisquer. Existe uma tendência a reduzir os seres e objetos a um dado atributo, a uma característica que julgamos marcante (ORRÚ, 2017, p. 10). Tal conduta pode ser confortável para evitar o enfrentamento do nosso próprio interior, do que somos, das nossas dificuldades e fraquezas “[...], atribuindo-as ao outro, como incorretas, indesejáveis. Aprendemos a pensar e a agir dessa maneira ao longo de nossas vidas” (ORRÚ, 2017, p. 10).

A inclusão grita pela sua sólida e complexa existência, independente das circunstâncias adversas, pois ela se faz presente por todas as sutis e exageradas formas de indignação que são expressas das mais distintas maneiras e que ecoam contrárias à discriminação, ao apartheid (ORRÚ, 2017, p. 48).

Havendo a compreensão da essência da Co-Existência e da Com-Vivência, abre-se um espaço para a inclusão acontecer em nossa sociedade. Assim, a inclusão da pessoa com deficiência só ocorrerá de fato, depois de construído um modo de organização social que tenha na Co-Existência um princípio de vida e na Com-Vivência uma condição social.

Deficiência e Potencialidade

Conforme o art. 2º da Lei 13.146/15:

[...] considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo, seja, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Há dois modelos que definem a deficiência. O modelo médico e o modelo social da deficiência. O modelo médico vê a incapacidade como um atributo da pessoa, diretamente causado por doença, trauma ou outra condição de saúde, que requer cuidado médico oferecido na forma de tratamento individual por profissionais. A incapacidade, neste modelo, clama por tratamento médico, reabilitação ou intervenção para “corrigir” o problema com o indivíduo.

O modelo médico fornece um “diagnóstico” de doenças e distúrbios. Tal modelo utiliza-se da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), desenvolvida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que traz uma estrutura etiológica que monitora a incidência e prevalência de doenças, por meio de uma padronização universal das doenças, abrangendo problemas de saúde pública, sinais e sintomas, queixas, causas externas para ferimentos e circunstâncias sociais, apresentando, assim, um panorama amplo das situações em saúde (PEBMED, 2016).

A utilização da Classificação Internacional de Doenças (CID - 10) e a contribuição da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) vêm no sentido de melhorar a compreensão sobre definições de deficiência por meio da funcionalidade e da incapacidade associadas ao estado de saúde. Facilitam o planejamento de intervenções e cuidados que visam considerar cada indivíduo. O ambiente em que vive o indivíduo também é incluído e dá para compreender a incapacidade sob um olhar mais amplo. Ou seja, as deficiências não são consideradas como fatores que definem a incapacidade, visto que além da perspectiva do corpo, há ainda as perspectivas do indivíduo e da sociedade.

Quando se refere à incapacidade, em resumo, o modelo que a classifica melhor é aquele que sintetiza o que é verdadeiro nos modelos médico e social, sem cometer o erro de reduzir a noção complexa e total de incapacidade sob apenas um dos seus aspectos. Este modelo mais útil de incapacidade pode ser chamado de modelo biopsicossocial.

O modelo social, satisfatoriamente chamado de biopsicossocial, não é o aspecto biológico da deficiência, é o resultado da interação entre a pessoa e o conjunto da sociedade. Se não encontramos barreiras, estamos no melhor dos mundos, do mundo inclusivo para todas as pessoas. E se estas encontram barreiras, este não é o mundo ideal, é o mundo que exclui e não se prepara para o que é universal e não entende que os direitos humanos são para todos (MAIOR e BEZERRA, 2016).

Em cooperação, o modelo biomédico e o modelo psicossocial podem auxiliar no enfrentamento de barreiras. As novas concepções e direitos têm repercussões na sociedade e propiciam um direcionamento relevante para que a pessoa com deficiência tenha respeitada a direção de sua própria vida.

A avaliação da deficiência deve ser biopsicossocial feita por equipe multiprofissional, interdisciplinar e em constante comunicação com a(s) pessoa(s) e os familiares envolvidos. Levando em conta: os impedimentos

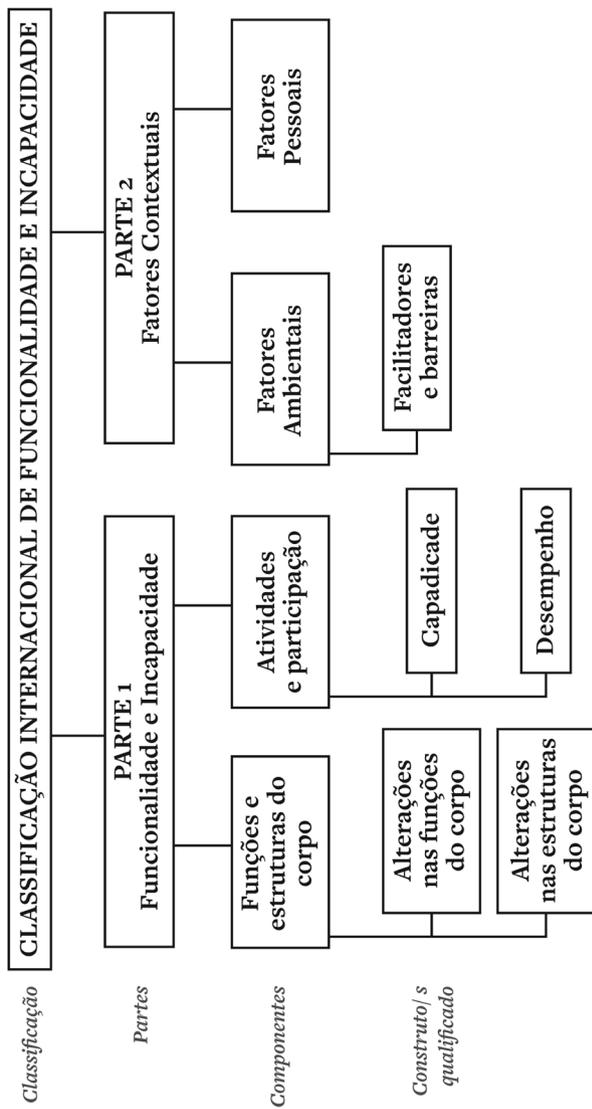
das funções e estruturas do corpo, os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais, a limitação no desempenho das atividades e a restrição de participação. Essa avaliação pode ser feita, utilizando-se da Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade (CIF).

O objetivo geral da CIF é estabelecer uma linguagem unificada e padronizada e uma estrutura que descrevam a saúde e os estados relacionados à saúde. Ela define os componentes da saúde e alguns do bem-estar, tais como: educação e trabalho (CIF, 2015). Fornece uma visão coerente de diferentes perspectivas da saúde: biológica, individual e social. E facilita a divulgação de informações nas áreas de cuidados pessoais de saúde, da prevenção, da promoção da saúde, do aumento da participação, minimizando barreiras sociais e incentivando os apoios e os facilitadores sociais.

Os domínios da CIF são “um conjunto prático e significativo de funções relacionadas à fisiologia, estruturas anatômicas, ações, tarefas ou áreas da vida. Esses domínios são descritos com base na perspectiva do corpo, do indivíduo e da sociedade” em duas listas básicas: (1) funções e estruturas básicas; (2) atividades e participação; e, também relaciona os fatores contextuais; ambientais e pessoais (CIF, 2015, p. 15; Figura 1).

Dentro da estrutura da CIF, a convivência está envolvida nas partes 1 e 2; a parte 1 está relacionada à funcionalidade e à incapacidade. E a parte 2: com os fatores Contextuais (Figura 1). Na parte 1, encontram-se as atividades e a participação, que são as tarefas e ações: a aprendizagem e aplicação de conhecimento; as tarefas e demandas gerais; a comunicação; as relações e interações interpessoais; a educação; o trabalho; a vida econômica; a vida comunitária, social e cívica, a recreação, o lazer, a religião, a espiritualidade, os direitos humanos, a vida política e a cidadania. A parte 2 contempla os fatores contextuais compostos pelo ambiente físico e social e pelas atitudes em que as pessoas vivem e conduzem suas vidas, a exemplo da convivência que permeia o apoio, os relacionamentos e as atitudes.

Figura 1: Estrutura da Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade (CIF)



Fonte: adaptado de CIF, 2015

Quando uma pessoa apresenta uma situação de doença ou trauma, limitação sensorial, seja da perda da audição, da visão ou motora, por exemplo, ou até mesmo períodos de adaptação de transição, pequenos e grandes, ocorre a adaptação ocupacional. Esta fornece os meios pelos quais os seres humanos se adaptam às mudanças nas necessidades e condições, e o desejo de participar da ocupação é a força motivacional intrínseca que leva à adaptação.

O modelo de ocupação de Nelson (1988) apresenta a adaptação como uma mudança que ocorre dentro da estrutura de desenvolvimento da pessoa como resultado da ocupação. Essa adaptação ocorre não apenas como resultado das demandas de desempenho do ambiente, mas também devido ao efeito que o agente exerce sobre essas demandas. Nelson afirmou que o desempenho ocupacional é resultado das capacidades de desenvolvimento únicas da pessoa e do significado percebido associado à expectativa externa (SCHKADE J. K; SCHULTZ, 1992). Uma pessoa que potencializa seu desempenho ocupacional precisa desta integração, da motivação e do sentido que a atividade ou ação traz para a sua vida.

A convivência é a base e o elo de diferentes ocupações na vida das pessoas com o ambiente em que se vive. Ela também promove e facilita os processos de experimentação e aprendizagem, uma forma de desenvolver capacidades e, assim, desponta uma adequada funcionalidade da pessoa.

Pierre Pradervand, no prefácio do livro *A Resiliência*, escrito por Poletti e Dobbs (2007), pontua que o ser humano possui imensos recursos internos, a exemplo da resiliência, como aptidão humana fundamental, pois corresponde à “capacidade de proteger sua integridade sob fortes pressões”. Cada um vive seus dramas e suas feridas de forma única e individual. Nesse contexto, muitas variáveis podem intervir: mensagens recebidas, circunstâncias particulares da primeira infância, formação de ligações afetivas privilegiadas, saúde, criatividade, ambiente físico, cultural, social, entre outros casos. E, em cada um, a interação e o peso respectivos desses fatores terão um papel diferente.

Os autores deste livro afirmam que cada ser humano vem ao mundo com uma capacidade inata de resiliência, pois existe nele uma tendência inata ao crescimento e desenvolvimento. E se manifesta no cotidiano em múltiplas circunstâncias. Todos os indivíduos têm o poder de se transformar e de transformar a realidade com a condição de encontrar em si mesmos e ao redor de si os elementos que lhe permitem criar essa capacidade de resiliência.

Steven e Sybil Wolin, citados por Poletti e Dobbs (2007), identificaram sete aspectos fundamentais da resiliência: 1) tomada de consciência: identificar problemas e suas raízes, procurando soluções para si e outros, sensibilidade aos sinais fornecidos pelas pessoas; 2) independência: promover capacidade de estabelecer limites entre si mesmo e as pessoas próximas, distanciando de relações doentias; 3) sociabilidade: desenvolver relações satisfatórias com os outros; 4) iniciativa: controlar e minimamente seu ambiente, tendo prazer ao realizar atividades construtivas; 5) criatividade: pensar de forma diferente dos outros, encontrar refúgio em seu mundo imaginário, esquecer o sofrimento interior e exprimir positivamente suas emoções; 6) humor: diminuir a tensão interior e desvendar o lado cômico da tragédia; e, 7) ética: desenvolver a ajuda mútua e a compaixão.

Diante das classificações descritas, percebe-se que o conceito de deficiência é muito mais complexo que a mera redução à patologia. Há que se considerar os aspectos da pessoa, relacionando o contexto em que ela vive, bem como sua potência de resiliência, sua potência de realização e transformação. Isso promove a redução das barreiras que impedem a participação plena dessas pessoas, nos âmbitos individual e coletivo.

Autonomia, Independência e interdependência

A definição de autonomia e independência é empregada de maneiras distintas a partir do referencial que se utiliza. Assim, como parâmetro denotativo, consideraram-se as definições nos termos “autonomia”, “independência” e “interdependência”, existentes no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Neste, a palavra autonomia é definida como “capacidade de governar a si próprio”, sendo considerado como autônomo o indivíduo “capaz de determinar as próprias normas de conduta, sem imposições” (2015, p. 78).

O termo independência é definido como “estado daquele que goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou alguma coisa”, enquanto por independente, é considerado o indivíduo “que não depende de nada nem de ninguém” (2015, p. 411). E, o termo interdependência é definido como “dependência mútua” (2015, p. 444).

Independência para o modelo de reabilitação diz respeito às capacidades físicas e cognitivas da pessoa em realizar atividades sem auxílio de outros, de forma segura e no tempo adequado. Para o modelo de

grupo minoritário/social, independência significa ser capaz de exercer sua liberdade no sentido de poder ir e vir e, também, ter domínio sobre sua vida cotidiana, bem como, poder sustentá-la (HAMMEL *et al.*, 2011).

Campos e Campos (2006) entendem por autonomia a capacidade individual com sua rede de dependências. Como se fosse, por exemplo, um processo para constituir uma maior capacidade dos indivíduos compreenderem e agirem sobre si mesmos e sobre o contexto de acordo com os objetivos democraticamente estabelecidos. A “co-constituição de autonomia depende, portanto, de um conjunto de fatores. Depende sempre do próprio sujeito, do indivíduo ou da coletividade”. Por esse motivo, Campos e Campos fazem referência à coprodução de autonomia. “O sujeito é sempre corresponsável por sua própria constituição e pela constituição do mundo que o cerca”. A autonomia depende de condições externas ao indivíduo, “ainda que ele tenha participado da criação destas circunstâncias”. O indivíduo depende da existência de leis mais ou menos democráticas. “Depende do funcionamento da economia, da existência de políticas públicas, de valores veiculados por instituições e organizações. Depende da cultura em que está imerso” (CAMPOS e CAMPOS, 2006, p. 1-2).

O reconhecimento da autonomia e da interdependência entre pessoas num mesmo ambiente pode gerar um campo afetivo e de solidariedade em que a cooperação mútua entre os indivíduos se estabelece como forma de interação social.

É preciso estar atento ao que constitui a base da solidariedade, se esta se dá num ambiente de superestimação da dependência, acabando por constituir um empecilho à autonomia, à independência e ao direito dessa pessoa como ente responsável e capaz de autodeterminação e de assumir as responsabilidades legais pelos seus atos.

É necessário que tanto a família quanto a sociedade considerem que a pessoa com deficiência, tal como qualquer pessoa, é detentora do direito de explorar e conhecer o mundo, bem como saber da consciência de seus limites, suas capacidades e suas performances.

Numa fase inicial, o ser humano é dependente; depois este procura a independência, como sendo uma fase necessária no processo de individualização, que pode ser marcada por uma consciência separatista e egocêntrica. Na interdependência, existe uma consciência de interligação “e mútua influência entre todas as coisas e seres, sem, contudo, perdermos a consciência de nossa própria individualidade na Grande Teia da Vida” (GAIA, 2015).

Processo Criativo e de Co-Criação

Como cerne da experiência vital e desenvolvimento do viver, Faiga Ostrower, artista plástica, reforça que:

Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário do criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nós ampliamos em nossa abertura para a vida (1999, p.28).

A criatividade é fundamental para a tomada de consciência nas pessoas, assim como no reconhecimento de suas próprias necessidades, limitações e potencialidades. Isso implica a emergência de um produto novo, seja uma ideia ou invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos já existentes (ALENCAR, 1995, p.16).

Erich From (1973), citado por Brotto (1999), ressalta que, se há uma natureza humana possível de ser afirmada, esta seria uma natureza de possibilidades, isto é, pode-se escolher o que se quer ser como pessoa e sociedade.

Quando vivenciamos a quinta prática da Pedagogia da Cooperação e criamos alternativas e ou soluções comuns, consolidamos o processo de criação coletiva neste momento. Nós nos sentimos UM com a realidade criada.

A CoCriação de soluções comuns e o princípio da Cooperação acontecem quando aprimoramos as relações humanas em todas as dimensões e nos mais diversos contextos, deixando de ser uma tendência para se tornar uma necessidade e, em muitos casos, já em um fato consumado (HENDERSON *apud* BROTTTO, 1999, p. 52). Brotto (2018) afirma que é preciso nutrir e sustentar permanentemente o processo de integrar a cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-a como “estilo de vida”, isto é, uma conduta ética vital.

Há ainda uma outra dimensão a ser observada – a importância do processo criativo e da cocriação como elementos sustentadores da coexis-

tência. Trata-se, por exemplo, da utilização das potencialidades de quem vive e não vive a deficiência na reunião de soluções comuns. Na equação de Ford, pessoas que viviam a deficiência poderiam ser empregadas no processo fabril apenas nos postos em que não eram exigidas todas as faculdades físicas do trabalhador, visto que o foco do trabalho estava nos processos de produção. Nos novos arranjos organizacionais, os processos não são mais os objetivos do trabalho; são os fins do trabalho os objetivos da organização. Esta modalidade tem por seu fim não mais os produtos e/ou serviços ofertados, mas o mercado e o uso final destes produtos/serviços e a conversão de tudo isso em resultados na comunidade.

Desse modo, muda-se toda a dinâmica do trabalho humano. Para as tarefas mecânicas repetitivas, há a franca expansão da robótica. E, para as tarefas intelectuais repetitivas, a franca expansão da inteligência artificial também substituirá o trabalho humano. Temos assim o indicativo de que a criação e cocriação constituirão a base do trabalho humano.

Falar em criatividade e cocriação é também falar em trabalho dialógico e relações igualitárias, em que a capacidade de trabalho não é medida pelo biotipo, gênero, etnia ou quaisquer tipos estabelecidos por marcadores de diferenças entre pessoas. Nessa perspectiva, o trabalho retoma seu sentido poético e ético, enquanto instância de criação de realidades humanas e humanizadoras em que a pessoa tem oportunidades reais de contribuir, bem como de obter reconhecimento e consideração. O trabalho deixa de ser um meio de vida e torna-se um sentido de vida, que realizado em conjunto, promove um meio de sustentação da vida em comunidade.

Importância da Comum-Unidade

Segundo Houaiss (2010, p.183), comunidade significa: i) conjunto de habitantes de um mesmo local. ii) conjunto de indivíduos com características comuns. iii) conjunto de populações que habitam uma mesma área ao mesmo tempo; biocenose (Comunidade - ‘conjunto de populações’).

A proposta de Brotto (2018), ao trazer o termo “Comum-Unidade” como quarto princípio da Pedagogia da Cooperação, promove o enriquecimento para o termo e para a ideia de comunidade. Nesta linha de pensamento, as descrições propostas por Cunha (2010) estabelecem que “comum” significa aquilo que “pertence a todos ou muitos” (p.167), enquanto “unidade” significa “quantidade que se toma arbitrariamente

para termo de comparação entre grandezas da mesma espécie” (p.660); isso nos permite pensar a Comum-Unidade como sendo algo para além dos caracteres geográficos, afetivos, étnicos ou religiosos. Nessa perspectiva, podemos considerar o estabelecimento de um ambiente comum de união, pertencimento e realização, no qual em todos os indivíduos estejam presentes o sentimento de si como um ente diverso, multicultural, único, autônomo e interdependente, que agindo comunitariamente é capaz de produzir eventos que não seria possível, se ele estivesse isolado.

A necessidade de comunidade é uma constante da vida e da natureza humana. Dessa forma, Drucker assevera que:

[...] os seres humanos necessitam de comunidade. Se não houver comunidades disponíveis para fins construtivos, haverá comunidades destrutivas, sanguinárias - as gangues da Inglaterra vitoriana, ou as gangues que ameaçam hoje o tecido social da grande cidade americana (e, cada vez mais, de todas as grandes cidades do mundo)[...]

[...] Portanto, a tarefa de hoje é criar comunidades urbanas - algo que nunca existiu antes. Em vez das comunidades tradicionais da história, nossas comunidades precisam ser livres e voluntárias. Mas elas também precisam oferecer ao indivíduo da cidade uma oportunidade para realizar, contribuir, ser considerado (2002, p. 164-165).

A Comum-Unidade constitui vital elemento de sustentação da vida e da pessoa humana. Nossa crise civilizatória é um reflexo da vida humana em arranjos sociais marcados pela desconexão com os princípios que regem e sustentam a vida. E essa desconexão implica no adocimento individual e coletivo. Como resultado natural desse afastamento, temos a aproximação dos mecanismos que conduzem à morte. O recrudescimento da cultura da guerra e da violência como meio de resolução de conflitos é um exemplo disso.

Há que se falar também da impermanência como um dilema civilizatório. É importante considerarmos que ingressamos numa era em que os ciclos das mudanças tendem a durar menos que o ciclo de vida de uma pessoa. A estagnação tecnológica e social, em contextos de desigualdade entre as pessoas, condena todo um povo à proximidade da barbárie. E isso repercute diretamente nas formas de organização social e construção tecnológica. O intelecto e a capacidade criativa são as princi-

país grandezas de riquezas das pessoas, das organizações e da sociedade. O saber transita de modo mais fluente que o capital e a propriedade. Desta forma, é necessário que os ambientes de construção do saber e das capacidades criativas tenham por base e princípios o cuidado com a Terra, a humanização, a cidadania, o exercício da vocação ontológica do ser com foco à Vida e ao bem viver em Comum-Unidade. Neste mote, a Educação não deve ser somente um meio de acesso, produção e manejo das tecnologias² de produção e organização social, mas, também, ser um meio de (re-)estabelecimento de relações com a Vida e tudo o que advém dela e se volta para ela.

Reconhecer a necessidade do retorno honesto e íntegro aos princípios da diversidade, conexão, sustentabilidade e cooperação nos aponta também para os fundamentos que regem a constituição da Comum-Unidade em que possamos ser plenamente quem somos, servindo ao bem comum. Com isso, construiremos os caminhos de superação da crise e do dilema civilizatório que citamos.

O senso de Comum-Unidade nos traz de volta para a grande teia da vida, independentemente das questões relacionadas ao biotipo, à etnia, aos gêneros, à geografia, ao tempo ou ao qualquer outro meio utilizado para definir a pessoa. É por meio desse senso de Comum-Unidade que podemos, enquanto indivíduos e espécie, mantermo-nos íntegros e unidos, mesmo em meio aos desmoronamentos em nosso modelo de civilização e às impermanências que nos regem em nossa jornada pelo planeta Terra.

RianeEisler refere-se, em seu livro *O Poder da Parceria* (2007), a dois modelos de relacionamentos fundamentalmente diferentes: o modelo de parceria e o modelo de dominação. Esses dois modelos subjacentes moldam todos os nossos relacionamentos - desde os relacionamentos da

² A ideia de tecnologia está para além dos equipamentos tecnológicos, referindo-se também aos conhecimentos, habilidades e atitudes. Assim, neste trabalho, trazemos como referência as definições cunhadas pelos pensadores do campo da saúde, na qual “embora as categorias tecnológicas se inter-relacionem, não deve prevalecer à lógica do ‘trabalho morto’, aquela expressa nos equipamentos e saberes estruturados”.

Nessa perspectiva, as tecnologias em saúde são classificadas em três categorias conforme Merhy: tecnologia dura, relacionada a equipamentos tecnológicos, normas, rotinas e estruturas organizacionais; levedura, que compreende todos os saberes bem estruturados no processo de saúde; e a leve, que se refere às tecnologias de relações, de produção de comunicação, de acolhimento, de vínculos, de autonomização. Estas três categorias se inter-relacionam (MERHY, 1997; SILVA, ALVIN, FIGUEIREDO, 2008).

pessoa para consigo mesma, estendendo-se às suas relações interpessoais, civis e com a natureza.

À medida em que se estabelecem os relacionamentos de parceria, iniciam-se mudanças positivas na vida cotidiana e no mundo. As relações de parcerias – atendem as necessidades elementares nos planos emocionais e materiais, transformando todas as relações. A socióloga e advogada relata que todos podem aprender com o modelo de parceria a fim de somar e agir com novas percepções e mudanças de hábitos.

Caminhos Percorridos



Caminhos Percorridos

Para a aplicação da Pedagogia da Cooperação e a coleta dos dados nessa pesquisa, foram planejados alguns locais que pudessem desenvolver a pesquisa, tendo como público alvo as pessoas com deficiência, pensando na Com-Vivência junto com as pessoas sem deficiência.

Dessa maneira, entrou-se em contato com a Companhia Imobiliária de Brasília - Terracap, que é uma Empresa estatal do Governo Federal e do Governo do Distrito Federal (Governo do Distrito Federal, SD); uma escola particular no Lago Norte do DF, o Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil que abriu a possibilidade de realização da atividade nesse local; e, com o Tribunal Judiciário do Distrito Federal, no núcleo de inclusão. Ao mesmo tempo, foi elaborada e submetida uma proposta de extensão para a Semana Universitária na Universidade de Brasília (UnB): *Workshop* para quem vive e não vive a deficiência, viver em coexistência, na Faculdade de Ciência da Informação da UnB (FCI/UnB), sendo esta aceita, como ilustrado pelo sítio de Internet da FCI (Imagem 1).

A Semana Universitária da UnB é um evento para a Comunidade como ilustrado na Imagem 2. Nesse ano, foi aberta com o tema Encontros que Transformam. Foi realizada de 23 a 27 de setembro a 19ª Semana Universitária (Semuni) “em todos os campos da Universidade de Brasília, que abre suas portas para a comunidade do Distrito Federal e Entorno” (UnB, 2019).

Imagem 1: *Workshop* para Quem Vive e não Vive a Deficiência, Viver em Co-Existência

EXTENSÃO
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



EXTENSÃO SEMANA UNIVERSITÁRIA INSTRUÇÕES PROJETOS INFORMES GALERIA NOTÍCIAS CONTATO

Workshop para quem vive e não vive a deficiência



Estamos oferecendo uma atividade de extensão na semana universitária. Em anexo vai uma imagem que descreve num fundo verde e letras amarelas: Workshop para quem vive e não vive a Deficiência "Viver em Co-existência". Atividade na Semana Universitária da Universidade de Brasília.

Data: 23 a 27 de setembro das 8:00 às 12:00h na Faculdade de Ciência da Informação - Sala 120. Atividade em conjunto a Pós-Graduação em Pedagogia da Cooperação.
Aguardamos vocês.

Convide para a inscrição:

Queridos Amig@s, convidamos a todos para participarem deste workshop sobre um trabalho com propósito de compreender a partir dos atores próprios os processos que facilitam e/ou trazem barreiras de inclusão em diversos ambientes. Este é um convite ao diálogo com relação à elaboração de um manifesto que expresse como poderíamos conviver juntos tendo em conta nossa pluralidade. ?



Clique aqui

<http://www.dex.unb.br/a-semana-universitaria-2019>

Para se inscrever-se na Semana Universitária é necessário que você esteja

cadastro em nosso Sistema, disponível em: www.sistemas.unb.br.

Fonte: Sítio da Extensão Universitária da Faculdade de Ciência da Informação.

Imagem 2: Semana Universitária da Universidade de Brasília

The image is a screenshot of the website of the Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. At the top, there is a navigation bar with links for 'BRASIL', 'CORONAVÍRUS (COVID-19)', 'Simplifique!', 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. Below this is a dark header with the 'Universidade de Brasília' logo and a 'Menu' button. The main content area features a search bar and a navigation menu with links for 'NOTÍCIAS', 'AÇÕES DE EXTENSÃO', 'EDITAIS E EVENTOS', 'INSCRIÇÕES', 'SEMANA UNIVERSITÁRIA UNB', and 'CONTATOS'. A large banner for the 'SEMANA Universitária UnB 2019' is displayed, with the dates '23 a 27 de setembro' and the tagline 'encontros que transformam'. Below the banner, a sidebar on the left lists various events, with 'Inscrições' highlighted. The main text area contains the headline 'Inscrições abertas para a 19ª Semana Universitária' and a sub-headline 'Programação acontece de 23 a 27 de setembro. A filósofa Viviane Mosé e o escritor Mia Couto estão entre convidados'. A call-to-action button points to 'Programação completa em semanauniversitaria.unb.br'. A smaller version of the banner is shown at the bottom right.

BRASIL CORONAVÍRUS (COVID-19) Simplifique! Participe Acesso à informação Legislação Canais

Universidade de Brasília Menu

UnB Decanato de Extensão

Pesquisar... A A A

NOTÍCIAS | AÇÕES DE EXTENSÃO | EDITAIS E EVENTOS | INSCRIÇÕES | SEMANA UNIVERSITÁRIA UNB | CONTATOS | f @

23 a 27 de setembro Confira a programação e se inscreva.

SEMANA encontros que transformam
Universitária UnB 2019

A Semana Universitária 2019

Programação Semuni 2019

Inscrições

Edital 2019

Seleção de Bolsistas - SEMUNI 2019

I Encontro de Extensionistas da UnB

II Concurso de Fotografia da Extensão

Saúde Mental e Bem-Estar na UnB

Inscrições abertas para a 19ª Semana Universitária

Programação acontece de 23 a 27 de setembro. A filósofa Viviane Mosé e o escritor Mia Couto estão entre convidados

Programação completa em semanauniversitaria.unb.br

23 a 27 de setembro | encontros que transformam

SEMANA
Universitária UnB 2019

Fonte: Sítio do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília.

Procuramos o Programa de Apoio às pessoas com Necessidades Especiais da UnB (PPNE) e conversamos com a sua coordenadora. Esta mostrou-se motivada com a proposta e se dispôs a nos ajudar e divulgar. O PPNE foi criado em 1999. “Em 2017, o PPNE tornou-se a Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência, vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários, sendo mantida a mesma sigla” (UnB, SD).

Também entramos em contato com o Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) na Faculdade de Educação da UnB. Acionamos também professores do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Divulgamos nossa oferta pelas redes sociais, procuramos alunos e professores da FCI e de outras áreas.

Aplicação da Pedagogia da Cooperação e *Workshop*

A Pedagogia da Cooperação foi aplicada durante a realização do Workshop para quem vive e não vive a deficiência, viver em coexistência na Semana Universitária e de Extensão na Universidade de Brasília, entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência, investigando as barreiras comunicacionais, para propor caminhos de Co-Existência. O Workshop aconteceu na Faculdade de Ciência da Informação durante uma semana, cinco manhãs do dia 23 a 27 de setembro de 2019, de 8h às 12h, incluindo os planejamentos que aconteceram de 14h às 17h com os pesquisadores, perfazendo o total de 35 horas.

O tipo de pesquisa realizada foi de caráter qualitativa e pesquisa-ação, pois os pesquisadores também estiveram envolvidos com o grupo de pesquisados. Thiollent refere-se a pesquisa-ação como uma pesquisa com base empírica, “realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (1985, p. 14).

Na pesquisa-ação, aprende-se com a experimentação, observando e obtendo mais feedbacks (respostas) de pessoas diferentes, aprofundando, assim, a investigação por meio dos dados amplamente coletados e analisados. Neste formato de pesquisa, o registro do que é observado e/ou vivido tem o objetivo de disseminar e esclarecer o aprendizado sobre o tema. Desta forma, obtém-se um resultado de pesquisa bastante orgânico e genuíno.

Para a coleta de dados foram utilizados: o registro diário de bordo, que possibilita a reflexão sobre o olhar de quem escreve; a fotografia e os vídeos, que proporcionaram múltiplos pontos de visão, de diferentes perspectivas; os depoimentos das rodas de conversa; o próprio material construído nas atividades e as experiências vivenciadas, com o objetivo de analisar aquilo que foi gerado dentro da prática e pelo próprio grupo de forma espontânea e integrada. Além disso, nossa proposta de pesquisa ofereceu uma perspectiva de interação com o grupo pesquisado, a fim de manter uma atmosfera de contato, de observação e interação durante o percurso da pesquisa-ação.

A metodologia para desenvolver a pesquisa foram as 7 práticas da Pedagogia da Cooperação, os métodos colaborativos chamados de processos como: a Comunicação Não Violenta (CNV), as Danças Circulares, a Investigação Apreciativa, os Jogos Cooperativos, o World Café e as Rodas de Diálogos.

Com-vivência na Coleta e Análise dos Dados



Com-Vivência na Coleta e Análise dos Dados

Diariamente no *Workshop*, nós aplicamos as sete práticas da Pedagogia da Cooperação que BROTTTO (2018) refere em seu ensaio: primeira Prática: Fazer Com-Tato | Saber Conectar; segunda Prática: Estabelecer Com-Trato | Saber Cuidar; terceira Prática: Compartilhar In-Quieta-Ações | Saber Compartilhar; quarta Prática: Fortalecer Alianças e Parcerias | Saber Confiar; quinta Prática: Reunir Soluções Como-Ums | Saber Cocriar; sexta Prática: Realizar Projetos de Cooperação | Saber Cultivar e sétima Prática: Celebrar o VenSer | Saber Celebrar. Foi também analisada a coleta dos dados realizada até para trabalhar no planejamento do dia seguinte (ver apêndice).

Para participar no *Workshop para quem vive e não vive a deficiência, viver em coexistência*, as pessoas tinham que se cadastrar e inscrever com antecipação nas atividades de extensão. Após o término da Semana Universitária, foi informado que houve mais inscritos do que realmente se consolidou como participantes do evento na UnB. E, no *Workshop* não foi diferente, o grupo básico de participantes foi de 8 (oito) pessoas, apesar da ampla divulgação, mas foi um grupo constante ao longo da semana. Uma das participantes não pode comparecer fisicamente no final, mas participou de maneira virtual do *Workshop*. Além do grupo base, cada dia chegavam uma ou duas pessoas novas que se integravam ao grupo.

Alguns dos participantes foram pessoas que fazem parte da comunidade universitária da UnB (alunos, professores e trabalhadores) e outros não. Foi contemplado o público de homens e mulheres com faixa etária de 25 a 65 anos. Houve um perfil diversificado de participantes: pessoas com deficiência visível (motora, auditiva, visual), com deficiência invisível (psicossocial, auditiva) e pessoas que não se consideram com deficiência.

Os encontros aconteceram em uma sala da Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Depois da realização das atividades, foram realizadas reuniões de planejamento e orientação. A coleta de dados desenvolveu-se, conforme a descrição que se segue nos itens 5.1. até 5.5.

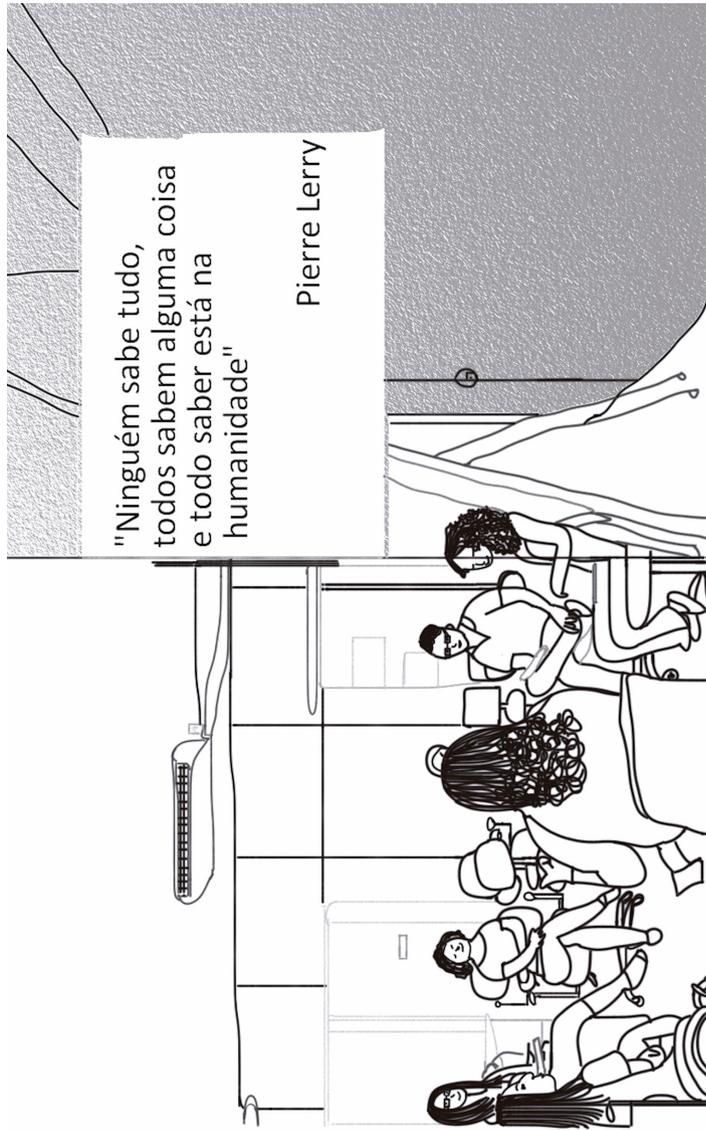
Primeiro dia do *Workshop*

No primeiro dia segunda-feira, 23 de setembro de 2019, para aplicar a 1ª Prática da Pedagogia da Cooperação: Fazer Com-Tato, Saber Conectar, o espaço foi preparado com um centro contendo os cinco elementos (terra, fogo, ar, éter e água), objetos significativos e cadeiras em círculo. Foi solicitado aos participantes para trazer objetos significativos da história de cada um nos dias subsequentes.

Estabeleceu-se Com-Tato com os participantes. Os focalizadores também se prepararam com mentalizações e meditação, a fim de buscar equilíbrio e bem-estar destes. Estavam presentes nove pessoas incluindo os focalizadores. No Com-Tato, Saber Conectar, as apresentações se deram com cada um contando um pouco da sua história; abriu-se, portanto, um espaço para todos se expressarem, falando seus nomes, suas perspectivas de mundo em relação às deficiências e limitações. Um pouco da história singular de suas vidas, em suma.

Teve um intervalo para o Lanche. Em relação ao lanche, foi solicitado trazer para os outros dias itens de lanche que gostariam de degustar. Este lanche do primeiro dia foi oferecido pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, com os recursos oferecidos à Extensão da Faculdade de Ciência da Informação. Foi um lanche coletivo com os participantes das outras atividades, sendo realizadas na FCI. O Diretor da FCI desejou boas-vindas a todos e deu a palavra a Coordenadora de Extensão da FCI. Ela seguiu com uma explanação sobre a Pedagogia da Cooperação, seus 4 princípios e suas 7 práticas. Na Ilustração 1, podem ser observadas algumas das pessoas presentes e sentadas em forma de círculo com um centro no meio e um cartaz na entrada escrito: “Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa e todo saber está na humanidade” (LÉVY, 2000, p. 29).

Ilustração 1: Primeiro dia do *Workshop*



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem cedida pela Extensão Faculdade de Ciência da Informação. Frase: Pierre Levy.

Para a segunda Prática da Pedagogia da Cooperação (Estabelecer Com-Trato, Saber Cuidar) foi elaborado um Com-Trato juntos com os participantes, e os pedidos foram:

- Olhar nos olhos.
- Respeitar as diferenças.
- Ouvir.
- Estar aberto.
- Promover a Liberdade.
- Trazer experiências pessoais.
- Disponibilizar lanche todo dia.
- Dançar.
- Respirar de forma consciente em um minuto.
- Dar, pelo menos, 3 abraços cada um.

Foi oferecida uma dinâmica de conexão chamada de “encontro na caminhada” (sendo aplicada a quarta prática da Pedagogia da Cooperação). Enquanto a música tocava, as pessoas caminhavam e se entreolhavam. E, no momento da parada da música, elas se encontravam e dialogavam de acordo com que era proposto. Primeiro, foi proposta uma conversa livre; depois os participantes relataram como chegaram à sala. Depois, eles falaram sobre inquietações relacionadas ao tema, que seria a elaboração de um manifesto (sendo, assim, aplicada a terceira prática da Pedagogia da Cooperação).

No final, a Celebração se deu numa roda de conversa, onde cada um expressou uma palavra de como estava se sentindo no final da manhã, finalizando num abraço coletivo (foi aqui aplicada a sétima prática da Pedagogia da Cooperação).

Entre as considerações do primeiro encontro, pode-se dizer que tudo saiu conforme o planejado e de maneira fluida.

Após terminar a aplicação das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação a cada dia, nós nos reunimos para orientação. Estabelecemos Com-Tato via a plataforma de videoconferência “Zoom”. Nessas reuniões, explicamos sobre o que acontecia a cada dia, descrevemos sobre as nossas In-Quieta-Ações, dúvidas, sendo indicadas atividades que poderiam ser realizadas no dia seguinte. As reuniões foram muito importantes para fortalecer as nossas alianças e parcerias, como também para perceber de que maneira íamos aplicar as práticas da Pedagogia da Cooperação.

A partir das conversas, do espaço dialógico e do que tinha sido planejado anteriormente pelo grupo, fomos reunindo soluções, Co-Criando

e planejando o dia seguinte. Foi como aplicar as 7 práticas da Pedagogia da Cooperação dentro do Grupo, ao mesmo tempo que íamos aplicando as mesmas no Grupo participante na Semana Universitária da Universidade de Brasília (UnB), resultando em um Planejamento para cada dia, que pode ser consultado no Apêndice desta monografia.

Segundo Dia do *Workshop*

No segundo dia terça-feira, 24 de setembro de 2019, foi aplicada a primeira prática da Pedagogia da Cooperação ao fazer Com-Tato com a chegada e o acolhimento do grupo a partir de uma roda de conversa, na qual cada um se apresentou e se definiu em uma qualidade e/ou sentimento.

Uma pessoa chegou atrasada por impossibilidade de acesso à entrada acessível para pessoas com deficiência. O funcionário incumbido da tarefa de abrir a referida porta não estava presente, estava alocado em outra tarefa de seu setor. A pessoa que chegou atrasada integrou-se ao grupo, participando da apresentação assim como os demais (sendo aplicada a segunda prática da Pedagogia da Cooperação, ao cuidarmos de itens no Com-Trato, tais como: olharmos nos olhos na escuta, estarmos abertos, respeitar as diferenças, trazendo as experiências pessoais).

Após a rodada de apresentação, foi aplicada a quarta prática da Pedagogia da Cooperação, ao ser realizada a dinâmica “*Eu lembro que...*”, na qual foi utilizado o bastão da fala em que cada pessoa compartilhou suas memórias do encontro ocorrido no dia anterior (23/09).

Na Ilustração 2, mostra o centro CoCriado pelos participantes (aplicação da quinta prática da Pedagogia da Cooperação). O círculo do segundo dia que conteve, além dos cinco elementos da natureza do primeiro dia dentro de um pano amarelo, os elementos trazidos pelos participantes. Todos os elementos fazem parte da tradição de um conhecimento ancestral (um dos campos transdisciplinares que compõem a Pedagogia da Cooperação), que traduz no que há mais sagrado entre nós. Assim, na Ilustração 2 constam uma planta recém aguada com uma flor orquídea, representando a terra, a água e o éter; uma vela, que representa o fogo; e uma flauta andina que representa o ar. Entre os objetos que compõem o “sagrado” de cada participante, nesta ilustração em primeiro plano, aparece uma estátua de árvore em madeira com flores em formato de coração colorido.

Ilustração 2: Centro Sagrado com os cinco elementos da Natureza



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Foi realizada por todos os participantes do grupo a revisão do Com-Trato, aplicando a segunda prática da Pedagogia da Cooperação: estabelecer Com-Trato, Saber Cuidar. E, perguntado se alguém tinha algum ponto de discordância ou sentimento de mudança de algum item ou inclusão de outro, todos consentiram que não havia necessidade de alteração deste.

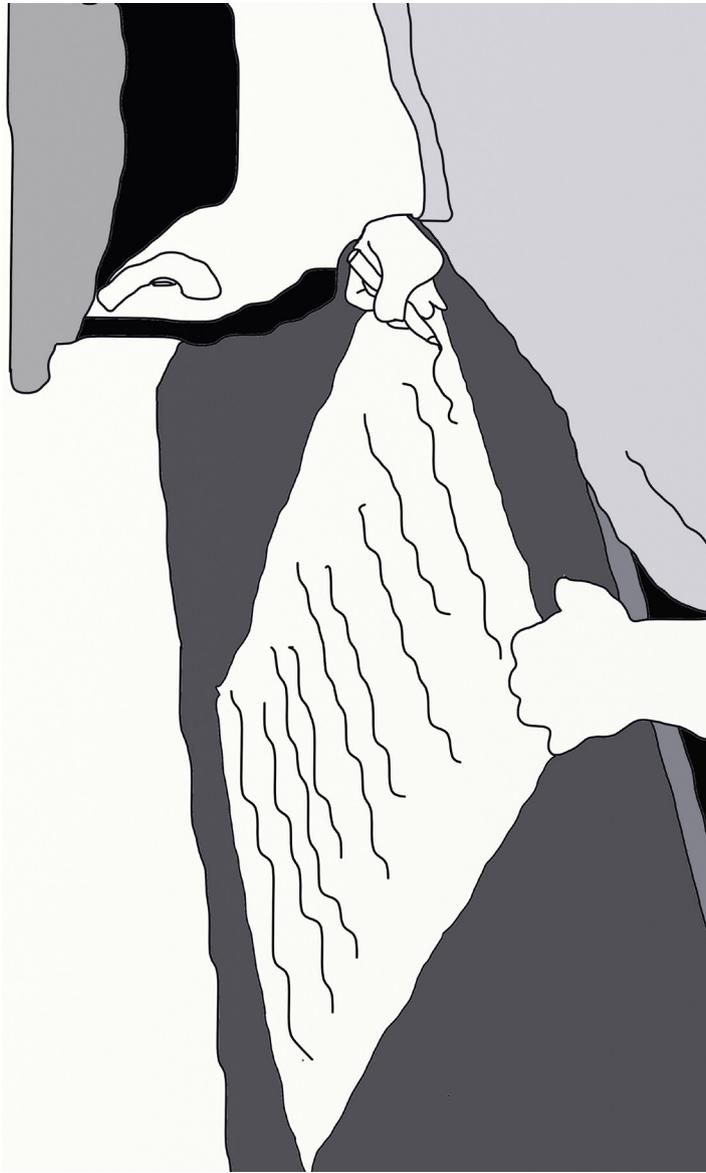
Ocorreu uma prática de meditação e relaxamento ao som da música *Debaixo D'Água* da cantora Maria Bethânia (cumprindo com item “respiração” do Com-Trato). Esta atividade favoreceu a emergência do sentimento de Plena-Atenção no grupo, e isso facilitou o processo de vivência da terceira Prática da Pedagogia da Cooperação, Com-Partilhar-In-Quieta-Ações.

Houve uma pausa para o lanche com elementos trazidos pelos participantes (cumprindo com o item “Lanche todo dia” na aplicação da segunda prática da Pedagogia da Cooperação). Depois do lanche, foram formados dois grupos, sendo um de quatro integrantes e outro de cinco, seguindo o critério de pessoas que menos se conheciam para facilitar o processo de Fortalecimento de Alianças e Parcerias (quarta prática da Pedagogia da Cooperação).

Foi proposto e aceito que as Inquieta-Ações fossem Com-Partilhadas (terceira prática da Pedagogia da Cooperação) em forma de perguntas provocadoras e investigativas que foram escritas em cartazes. Os cartazes prontos foram trocados entre os grupos, e cada pessoa escolheu uma pergunta que considerava mais significativa e assinalou-a com uma caneta de cor específica; depois de recolhidos, os grupos foram desfeitos e retomou-se ao centro, formando um único grupo com os cartazes já expostos no centro.

A Ilustração 3 revela as inquietações de um dos grupos de participantes (terceira prática da Pedagogia da Cooperação). Na Ilustração 3, há um participante (de costas) que está escrevendo no cartaz com uma caneta hidrográfica colorida para registrar as seguintes perguntas do grupo: “Como enxergar as pessoas além de suas qualidades e competências?”. “Por que escadas e não rampas?”. “Cadeirante é retardado?”. “Normal é justo?”.

Ilustração 3: Participante escrevendo suas In-Quieta-Ações



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem cedida pela Extensão Faculdade de Ciência da Informação

Foi elaborado ainda um cartaz com In-Quieta-Ações em forma de perguntas provocadoras e investigativas: Como seria um mundo totalmente acessível? O que é a deficiência? Existe alguém sem deficiência? (terceira prática da Pedagogia da Cooperação).

Cada pessoa relatou sobre seus sentimentos que induziram às respectivas perguntas Com-Partilhadas e também ao sentimento que a induziu na escolha da pergunta do cartaz do outro grupo.

O encontro foi finalizado com o relato em uma palavra por cada participante sobre seu sentimento naquele momento e, após todos Com-Partilharem suas impressões, foi realizado um abraço coletivo, Celebrando VenSer (sétima prática da Pedagogia da Cooperação).

Neste dia, as atividades ocorreram de forma natural, e os participantes estavam conectados e empenhados com a realização das tarefas.

Terceiro Dia do *Workshop*

No terceiro dia, quarta-feira, 25 de setembro de 2019, chegamos e organizamos o local, fizemos uma mentalização coletiva para harmonizar o ambiente (cumprindo com Com-Trato, segunda prática da Pedagogia da Cooperação); assim, houve o acolhimento e o Com-Tatoutilizando frases de como a pessoa chegou ao local do encontro. Neste momento, surgiu uma fala de uma participante, informando que havia se perdido no caminho para a sua casa, e daí abriu espaço para as pessoas trazerem relatos de vivências semelhantes (terceira e quarta prática da Pedagogia da Cooperação). Logo após, chegaram dois participantes.

Foi retomado o caminho percorrido desde segunda-feira, contextualizando os novos participantes e revisando as sete práticas da Pedagogia da Cooperação e o objetivo do *Workshop*. Foi revisado e assinado o Com-Trato, e não houve propostas de alteração.

Teve intervalo para o Lanche com os elementos trazidos pelos participantes.

Foi explicado sobre a metodologia da Comunicação Não Violenta - CNV e a importância desta no fortalecimento de alianças e parcerias (quarta prática da Pedagogia da Cooperação). Também realizou-se um exercício de reconhecimento do sentimento no momento presente. Logo após, foi entregue um *framework* (formulário de serviço) do exercício “Tête-à-Tête” da metodologia da CNV. No ato da entrega do formulário, foi esclarecido que o conflito é inerente às relações humanas, e que a CNV propõe a ressignificação do conflito ao privilegiar os sentimentos, as necessidades e os eventos, em detrimento dos juízos de valores acerca das pessoas.

A Ilustração 4 apresenta participantes refletindo sobre seus sentimentos e suas necessidades a fim de fazer o exercício da CNV.

Ilustração 4: Exercício de Fortalecimento de Alianças e Parcerias



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem cedida pela Extensão Faculdade de Ciência da Informação

A Ilustração 5 ilustra uma participante com uma focalizadora auxiliando no exercício com a Comunicação Não Violenta - CNV.

Ilustração 5: Focalizadora e participante em parceria



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem cedida pela Extensão Faculdade de Ciência da Informação

Foi proposto em dois grupos de 4 pessoas um jogo com as seguintes personagens: a vítima, o dançarino, o carente, e o perguntador. Ao som de diferentes músicas animadas, cada personagem durava dois minutos e todas as pessoas representavam o elenco em questão. No final, eles deram um *feedback* (In-Quieta-Ações, pensamentos, ideias e informações; terceira prática da Pedagogia da Cooperação). Os retornos foram satisfatórios.

No geral, os participantes apontaram para a dificuldade comum entre as pessoas do grupo. A vivência mais difícil foi a de representar o personagem da vítima, devido à sobrecarga de funções típicas daquele personagem. Houve relato de uma participante, ressaltando que o personagem dançarino era o mais difícil, pois ela não se via em tranquilidade para dançar no meio do caos, enquanto uma outra participante relatou o contrário, considerando que esta vivia uma limitação motora nos membros superiores e inferiores direitos e esquerdos, utilizando-se de cadeira de rodas para se locomover. Esta participante que gostou faz parte de um projeto de dança em que participam pessoas que vivem e não vivem a deficiência: o *Projeto PÉS* (ANCHISES, KAFURE, 2018).

No final da dinâmica, teve celebração com todos os participantes em círculo. Cada um escolheu uma cor que simbolizasse o sentimento no momento, e foi dado um abraço coletivo.

Considerações do dia: as dinâmicas e metodologias aplicadas geraram um campo que favoreceu a emergência dos sentimentos e das sensibilidades de todas as pessoas do grupo, tornando-o mais coeso. As barreiras na representação dos personagens como o carente, o dançarino, a vítima e o perguntador estavam relacionadas com as questões individuais, ou seja, a personalidade ou jeito de Ser de cada um. De forma geral, percebeu-se que essa prática do dia foi satisfatória e correspondeu à quarta prática da Pedagogia da Cooperação que trata do fortalecimento das alianças e parcerias.

Quarto Dia do Workshop

No quarto dia, quinta-feira, 26 de setembro de 2019, iniciamos com o Com-Tato em uma roda de conversa e perguntando: que bicho você seria hoje e por quê?

O segundo momento foi o exercício de se colocar no lugar do outro numa vivência das barreiras que são enfrentadas na condição deste. Esta ocorreu de forma mais devagar do que o esperado devido às necessidades de cada um, à complexidade de mobilidade e ao uso de recursos físicos e tecnológicos utilizados por uma participante em seu cotidiano.

Esta participante (Ilustração 6) utiliza os pés para escrever, desenhar e comunicar informações. Ela mesma ofereceu desde o segundo dia que todos experimentassem a utilização de sua cadeira de rodas e dos instrumentos que ela mesma empregava para estas tarefas.

Ilustração 6: Instrumentos utilizados pelo participante para escrever e desenhar com os pés em dispositivos digitais



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Todos os participantes aceitaram a proposta. Sentaram-se na cadeira desta participante para desenhar, utilizando os próprios pés, estando na cadeira de rodas e utilizando um dispositivo de ajuda que promove a interface entre a pessoa e o computador (Ilustração 7).

Ilustração 7: Participante experimenta os instrumentos utilizados por outra para escrever e desenhar com os pés em dispositivos digitais



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Além dessa experiência, foram propostas e vivenciadas mais duas. Uma, usando tampões nos olhos para assemelhar-se a uma pessoa com deficiência visual (ilustração 8), e outra em que a pessoa observava a fala do interlocutor apenas com a leitura labial para assemelhar-se a uma pessoa com deficiência auditiva.

Ilustração 8: Participante utilizando tampões nos olhos



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Depois foi realizada a construção de um mapa de competências de cada um. Competências relacionadas aos Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHAs) de cada participante. Para isto, foi entregue a cada integrante quatro folhas de diferentes cores, sendo que em cada uma estes escreveram na respectiva ordem: verde (o que fortalece?), rosa (o que existe no coração?), amarelo (quais habilidades existem?), azul (qual o sonho?). Logo, todos os participantes do grupo ficaram em círculo, e cada participante partilhou o mapa com outra pessoa.

Cada um verbalizou um sentimento sobre como se sentiria ao ver o Manifesto finalizado no dia seguinte. A realização do projeto (o sonho) se refere ao Manifesto (sexta prática da Pedagogia da Cooperação).

O encontro do dia foi celebrado com abraço coletivo. O círculo foi desfeito, e os participantes despediram-se, abraçando uns aos outros individualmente (cumprindo mais uma vez com o item “abraçar” do Com-Trato). Cabe ressaltar que, nas atividades planejadas, não foi considerado o tempo adequado para sua realização. Dessa maneira, não foi possível a realização de algumas delas. A união e empatia entre os participantes do grupo se deram de maneira autêntica e visível.

Quinto Dia do *Workshop*

No quinto dia, sexta-feira, 27 de setembro de 2019, foi feito o Com-Tato e exposto o cartaz com o Com-Trato para duas pessoas que chegaram recentemente. O Com-Tato foi realizado com a dança circular da música *Alma*, de Zélia Duncan (cumprindo com o item “dançar” do Com-Trato).

Foi feito um *brainstorming* sobre a significação que cada um tinha para o Manifesto que iriam produzir, discutindo-se também a respeito do formato no qual iriam expressá-lo e divulgá-lo. Trata-se da realização da sexta prática da Pedagogia da Cooperação, relacionada à finalidade do *Workshop*.

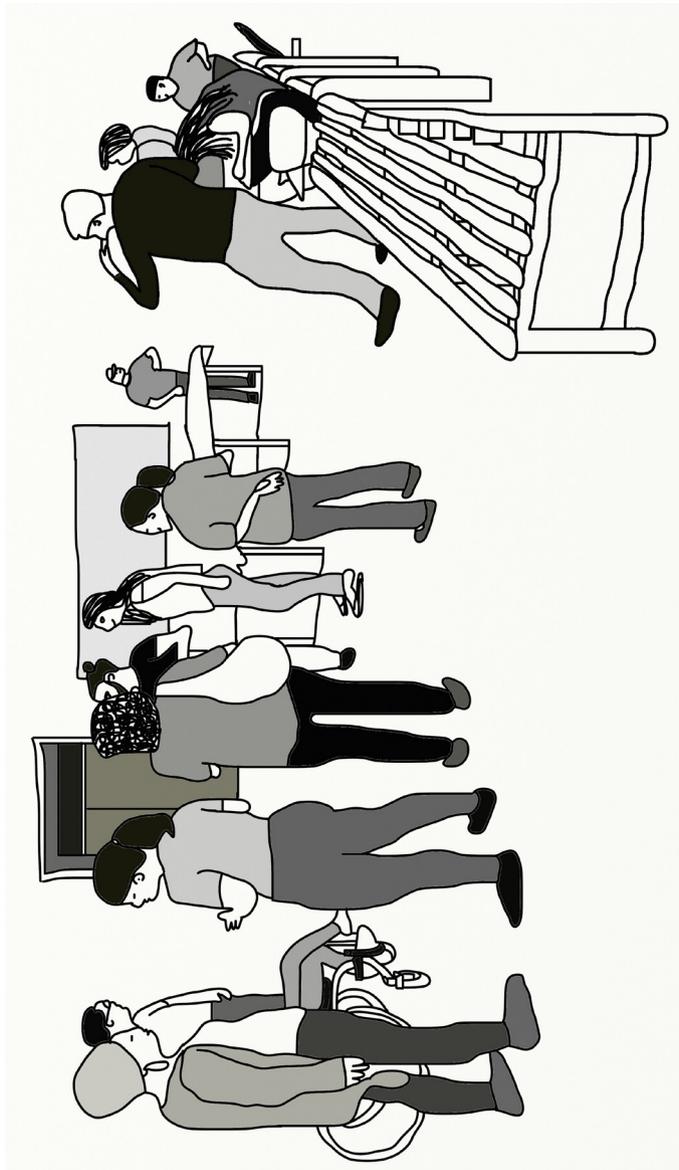
Para a elaboração do Manifesto, os sete participantes (grupo Maior) foram divididos em 3 SubGrupos (dois grupos de duas pessoas e um de três). Eles realizaram a atividade de elaboração do Manifesto a partir do mapa de competências e das In-Quietas-Ações já escolhidas na terça feira, dia 24 de setembro. Com isso, foi feita a Reunião de Soluções Comuns, quinta prática da Pedagogia da Cooperação. Iniciou-se a socialização das Soluções-Comuns.

Foi orientado que os participantes expressassem da maneira mais livre possível o que seria esse Manifesto, conforme discussão feita em cada SubGrupo. Os participantes, nos SubGrupos, escolheram que o

Manifesto fosse expresso em formato de encenação teatral; campanha publicitária, em formato de *hashtags* em redes sociais e mídias digitais; e a produção de um vídeo de 30 segundos para ser veiculado livremente em mídias digitais.

Houve pausa para o lanche, oferecido pela Extensão da Faculdade de Ciência da Informação (FCI), celebrando a Semana Universitária. Na Ilustração 9, encontram-se as pessoas que participaram das diferentes atividades na Semana Universitária na FCI.

Ilustração 9: Pessoas confraternizando no momento do lanche oferecido pela Extensão da FCI para celebrar a Semana Universitária



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

O retorno do lanche foi realizado ao som e à dança da música *Bamboleio, Música do Abraço*, cantada e dançada por todos os participantes. Ao término da música, foi retomado o círculo, dando continuidade à socialização das soluções comuns. Como resultado, deu-se o Manifesto (constituindo a sexta prática da Pedagogia da Cooperação: Projeto Cooperação).

O SubGrupo, que pensou no Manifesto como uma encenação teatral, elaborou um roteiro para o desenvolvimento da dramatização (Quadro 1), realizada posteriormente (Ilustração 10).

Quadro 1: Roteiro de Manifesto em formato de Encenação Teatral

Deficiente namora?	Por que precisamos de leis para sermos respeitados?
Viagem (experiência + companhia)	Se objetivo é viver em comunidade de forma espontânea as leis não vão ser suficientes para gerar as mudanças
Oferecimento de entendimento, escuta, parceria, questionamentos => Por que eu não posso ter algo que eu ofereço?	Convivência para a mudança
Como gerar as mudanças? Mostrando capacidades Aproximação de grupos com interesses comuns	
<i>Slogan</i> Vamos viver!	Precisamos de leis para viver?

Fonte: SubGrupo, que pensou no Manifesto como uma encenação teatral.

Ilustração 10: Encenação Teatral



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

O segundo SubGrupo da campanha publicitária, em formato de hashtags, produziu um cartaz com as seguintes frases de efeito:

#SomosCapazesDeExercerProfissoes,
 #MinhaDeficienciaNaoMeImpedeDeSerUmBomProfissional,
 #EuTambémAprendoCoisasNovas,
 #AssimComoVocesSomosCapazes,
 #AssimComoVocesTemosSonhos,
 #TodosPrecisamosReceberEDarAmor,
 #NadaMeImpedeDeRealizarSonhos,
 #BuscandoConhecimento!

O terceiro SubGrupo elaborou um roteiro para a realização de um vídeo (quadro 2). Materializou-se o vídeo, sendo este apresentado no dia 25 de outubro na socialização desta monografia.

Quadro 2 : Roteiro de Manifesto em formato de vídeo

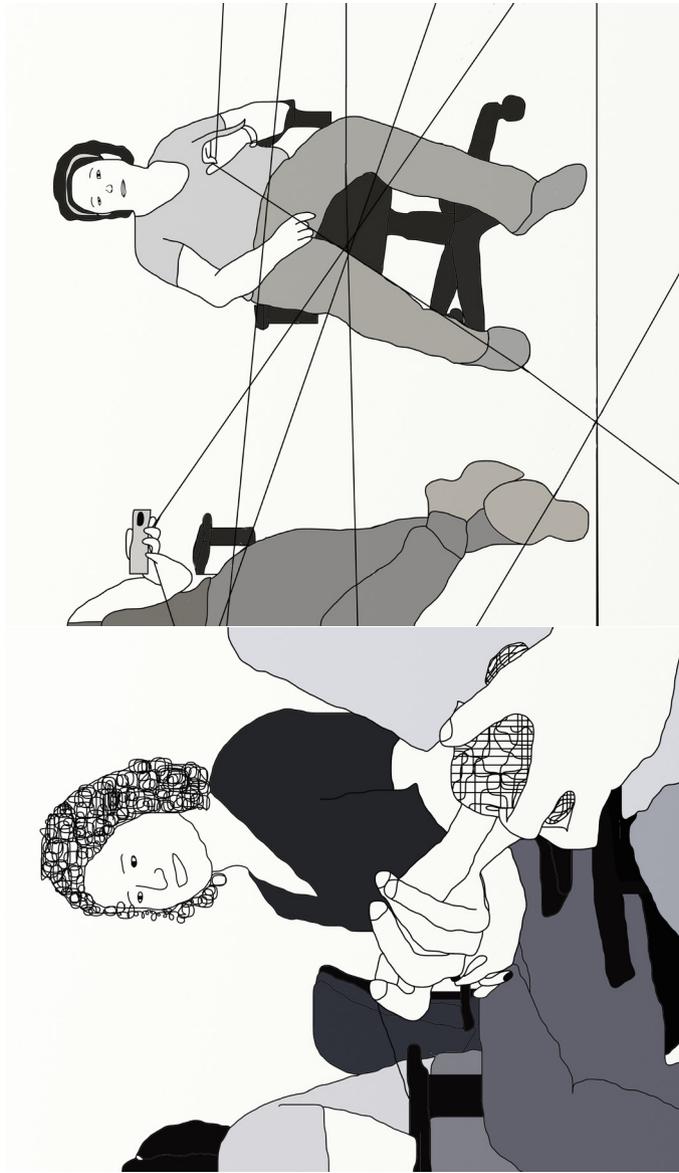
Vídeo 30'	
Vídeo	Áudio
(clip de imagens)	
Close no rosto de Marina	Linda e inteligente
Jornal com o rosto dela	Passou no primeiro vestibular
Turma colando grau	Se formou em Museologia na UnB
(clip de imagens)	
Sequência com imagens do projeto pés e com desenhos	Uma artista que dança e desenha
(clip de imagens)	
Sequência de classes de Marina, quando o locutor fala "mostrando" a câmera abre o plano	Marina tem 30 anos, ama a vida e todo dia vence o preconceito *mostrando que é normal
(clip de imagens)	
Cenas cotidianas de Marina (Ela vindo para UnB, participando das aulas, dançando...)	Ela não tem limites E você, tem?

Fonte: SubGrupo elaborou um roteiro para a realização de um vídeo

O *Workshop* foi celebrado com a dinâmica da rede feita com um barbante, representando a Comum-Unidade que se constituiu ao longo da aplicação das sete práticas da Pedagogia da Cooperação, na Semana Universitária da Universidade de Brasília (UnB), que ocorreu entre os dias 23 e 27 de setembro de 2019.

A dinâmica aconteceu com uma pessoa segurando a ponta do barbante e entregando a ponta para outra, dirigindo-lhe um elogio e assim sucessivamente. A primeira pessoa que entregou o barbante foi a última a ser elogiada (Ilustração 11).

Ilustração 11: Celebração com a dinâmica de rede feita com um barbante



(b)

(a)

Fonte: Marina Anchises a partir de imagens criadas pelos autores.

Realizou-se uma ligação telefônica para uma participante que esteve com o grupo em todos os dias anteriores. Com isso, essa participante pôde ser integrada, ainda que remotamente, à dinâmica de celebração do grupo.

Uma participante propôs que cada pessoa beijasse o rosto de quem estivesse à sua direita e, depois, a pessoa que estava à sua esquerda. Realizada, então, a proposta por todos aceita. Foi realizado um abraço coletivo, e cada participante expressou, em uma palavra, seu sentimento naquela oportunidade. Foi acordada entre todos a permanência do grupo *WhatsApp* criado para o *Workshop*, durante a Semana Universitária.

Após o círculo cumprir sua função, todos se abraçaram.

Na Ilustração 12, estão presentes vários participantes e os focalizadores, no total de 9 pessoas. Elas estão sorrindo em círculo olhando juntos para a câmara que está embaixo delas e celebrando mais um dia de *Workshop*. Todo fim da manhã, foram tiradas fotos com todos.

Ilustração 12: Com-Vivendo e Celebrando



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Ilustração 13: Pessoas socializando e prontas para fotos



Fonte: Marina Anchises a partir de imagem criada pelos autores

Na Ilustração 13, estão presentes, de forma extrovertida e alegre, 11 pessoas no *Workshop*. Era final de uma das manhãs do encontro.

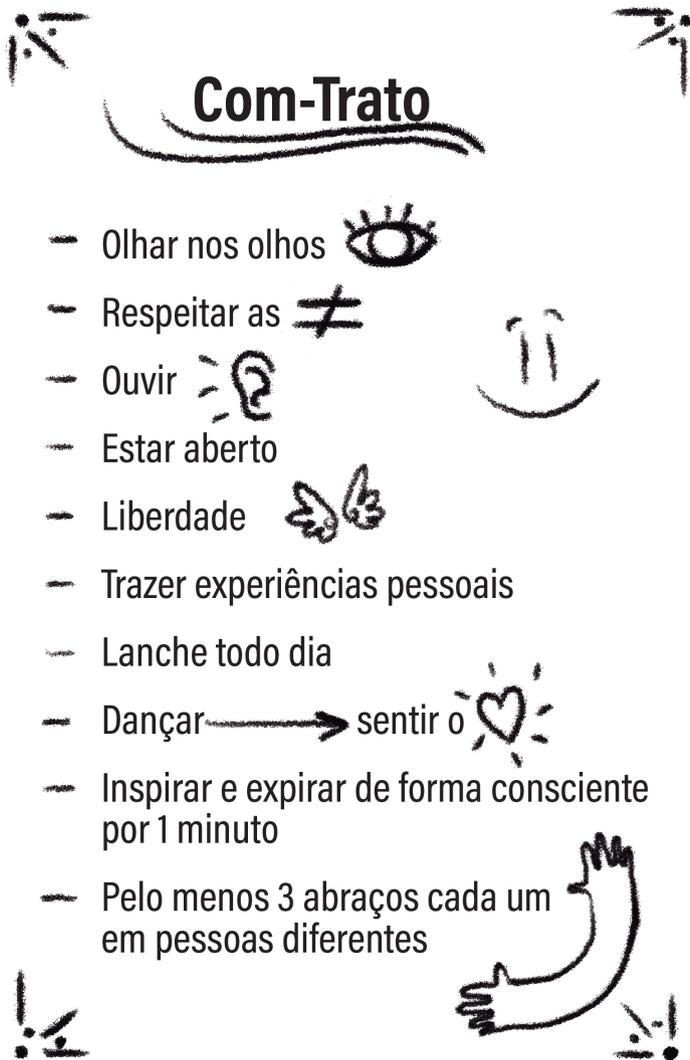
Foi percebido que a Pedagogia da Cooperação acontece de forma natural, agregadora e leve. A preparação do ambiente físico favorece o campo energético e afetivo, além de possibilitar a harmonia do grupo. Constatou-se que o Com-Tato e o Com-Trato constituem alicerces relevantes para a realização de projetos de cooperação.

Nota-se que as metodologias utilizadas – os processos e o conhecimento dos quatro campos transdisciplinares: ciência, jogo, arte e tradições, assim como a representação do círculo, dos cinco elementos (terra, água, ar, fogo e éter) no centro da roda, do cuidado que tivemos com o nosso trabalho, da estética, da mentalização, da visualização criativa, do propósito e interesse comum entre os focalizadores, fizeram a diferença no desenvolver do processo, no encontro, na facilitação das interações e na convivência entre as pessoas.

Chega o momento da dança circular na qual os corpos em movimento se tocam e se confraternizam. Repensando e reposicionando formas de sociabilidades e de práticas culturais na contemporaneidade, a simbologia da roda em círculo favorece a horizontalidade das relações, a conversa e a interação. Tais comportamentos também criaram espaços de conexão entre as pessoas, com possibilidades afetivas e considerando o que tem de essencial nestas pessoas. Diante disto, a questão da deficiência mostra-se, no final, acolhido, quando as barreiras são transpostas. Assim, como uma fala de uma integrante que disse: todos temos deficiências.

Diante daquele grupo que se formou no *Workshop*, percebeu-se que a exclusão não se fez presente, dando espaço à Com-Vivência, aos momentos das trocas de experiências pessoais, que até constava no Com-Trato assinado, como está na imagem 3, onde contém todos os itens que foram alcançados: olhar nos olhos, respeitar as diferenças, ouvir, estar aberto, liberdade, trazer experiências pessoais, lanche todo dia, dançar: sentir com o coração, respiração 1' e, pelo menos, três abraços em pessoas diferentes. Isto possibilitou conhecer um ao outro com espontaneidade, estes traziam seus talentos e potencialidades em todas as áreas de sua vida, assim como as suas limitações.

Imagem 3: Com-Trato do *Workshop*



Fonte: Própria

Com o Com-Tato, o Com-Trato, a partilha de In-Quieta-Ações, o Fortalecimento de Alianças e Parcerias, a construção do mapa de competências, a reunião de soluções Com-Uns, a Realização do Projeto: o Manifesto e sua celebração, percebeu-se que as informações enriqueceram, agregaram e promoveram coesão do grupo, sentimento de pertencimento e de colaboração, superando desafios juntos, ao serem todos “ouvidos” e reconhecidos em suas necessidades.

Quando é permitido e oportunizado às pessoas expressarem e exporem suas necessidades, sentimentos, dificuldades e talentos, respeitando isto, como aconteceu no grupo, a convivência é favorecida como também o entendimento do outro. Com isso, pode-se gerar um campo facilitador das relações. A Pedagogia da Cooperação promove empatia entre as pessoas. A autonomia de cada um é destacada e incentivada, pois quando se considera o outro, atendendo-o e entendendo como ele deseja realizar algo, geram-se ações em prol de si e de sua vida, contagiando outras vidas também.

Na convivência entre as pessoas que vivem a deficiência de maneiras diferentes, é possível construir projetos e soluções comuns; tais construtos devem, obrigatoriamente, contar com o protagonismo dessas pessoas. Suas potencialidades e necessidades devem ser consideradas e validadas como base em todos os trabalhos realizados com elas. É imprescindível que projetos, trabalhos e soluções sejam desenvolvidos em conjunto com as pessoas com deficiência e não para elas. Nesse sentido, Sasaki (2007) lembra a ativista Marta Russel que afirma:

A cidadania pode ser vista como a realização de certos direitos. Quando os estados são considerados responsáveis pelo tratamento dado a seus cidadãos, muito pode ser conquistado. A ONU tem um papel no estabelecimento de padrões mundiais, mas as pessoas com deficiência também têm esse papel”. (...) “A participação em grupos sociais e políticos é limitada ou negada às pessoas com deficiência”. (...) “As deficiências continuam sendo vistas como anormalidades e as pessoas que as têm se tornam objetos desvalorizados dos serviços médicos e sociais”. (...) “Tradicionalmente, os direitos humanos têm sido aplicados à pessoa com deficiência enquanto objeto de

prevenção e reabilitação, e não como um sujeito considerado plenamente humano e com amplos direitos de cidadania”. “Para corrigir esta situação, as pessoas com deficiência se reuniram internacionalmente na década de 80 e começaram a exigir o reconhecimento de seus direitos. Foi então que o lema ‘Nada Sobre Nós, Sem Nós’ se tornou a bandeira para se construir o poder político e as mudanças nas instituições a fim de incluir as pessoas com deficiência como seres humanos plenos e desconstruir as sociedades incapacitantes”. “Este deve ser o século em que a dignidade das pessoas com deficiência será atendida através dos direitos humanos (n. p.).

Após a pesquisa, o grupo permaneceu em contato via *whatsapp* que foi criado na semana do *Workshop*, fortalecendo laços pessoais e histórias de vida. A pesquisa, além de agregar o trabalho, uniu pessoas em uma convivência na vida, amizades ocorreram e até acordos de possíveis trabalhos conjuntos entre as pessoas presentes.

Considerações, Projeto e Celebração



Considerações, Projeto e Celebração

Foi percebido, na experiência obtida na realização dessa pesquisa, que os empecilhos, desafios, dificuldades de acesso e barreiras, sejam físicas, arquitetônicas, de atitude, comunicação ou de informação dificultam a inclusão social. E, abrem espaço para a realização de múltiplos trabalhos futuros, para repensar as relações nos ambientes de trabalho e de ensino para a Com-Vivência entre quem Vive com e não vive a Deficiência, Viver em Co-Existência. Um exemplo foi a própria inscrição do *Workshop*; houve dificuldades para o acesso à informação no sítio de Internet (*site*) para poder efetivar a mesma.

Foi observada e comentada a necessidade efetiva de espaços para conversas, diálogos criativos, nos quais se poderiam qualificar e sensibilizar os sentimentos nos ambientes universitários e de trabalho. A produção está acima das relações humanas. Então, a troca de experiências e a confiança, como contribuição da Com-Vivência no *Workshop*, mostrou-se importante e comum entre os participantes.

Neste estudo, foi apresentado um referencial teórico, aplicadas as 7 práticas da Pedagogia da Cooperação no *Workshop* e, estabelecida uma relação entre os objetivos, os itens do referencial teórico (Quadro 3) e o *Workshop*; considerando os quatro princípios da Pedagogia da Cooperação, que são: Co-Existência, Com-vivência, Cooperação e Comum-Unidade. Para finalmente, ser elaborado um Manifesto, para facilitar a convivência entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência (cumprindo o objetivo geral da pesquisa).

Quadro 3: Relação entre itens do referencial teórico e os objetivos da pesquisa realizada

Itens do referencial teórico da pesquisa	Objetivos específicos
Co-existência e Com-Vivência <i>versus</i> inclusão e exclusão	Criar espaços de conexão entre as pessoas que vivem e não vivem a deficiência.
Deficiência e potencialidade	Identificar as necessidades de pertencimento de quem vive e não a deficiência.
Autonomia, independência e interdependência	Reconhecer potencialidades existentes entre as pessoas.
Processo criativo e de Co-Criação	Construir soluções criativas para Com-Vivência entre quem vive e não vive a deficiência.
Importância da Comum-Unidade	Sensibilizar para a importância do senso de Comum-Unidade.

Fonte: Própria

De acordo com Izabel Maior, médica, com mobilidade reduzida, as pessoas muitas vezes ficam afastadas com a temática da deficiência. Possivelmente pelo receio de que, em qualquer momento, todos podemos viver a deficiência. E, pode ser mais fácil permanecer afastado do que lidar com a situação. Mas se a gente consegue reconhecer as nossas limitações e estudar as potencialidades, podemos estar prontos para vivenciar qualquer situação relacionada.

No *Workshop*, ficou destacado que, no momento da aplicação das setes práticas da Pedagogia da Cooperação, a questão da deficiência e os conceitos relacionados, que foram trazidos no trabalho, tornaram-se acolhidas, não tinha deficiência naquela hora de partilha no *Workshop*. Neste caso de forma positiva e inclusiva, pois com a realização do Com-Trato e o cuidado que as pessoas presentes tiveram uma com as outras, foi significativo.

A deficiência se tornou acolhida quando foram facilitadas as práticas, o reconhecimento das pessoas presentes, as potencialidades, o talento, a necessidade de cada um. Também, porque todo mundo conversava, acolhia, interagia e existia uma aproximação de um com os outros. Sob essa

condição, no *Workshop*, todos os presentes necessitavam de uma atenção especial, porque todos somos especiais por inteiro. E nós nos atentamos para as pessoas e suas necessidades, reconhecendo as pessoas como elas são.

No *Workshop* pelo Com-Tato, a gente se conheceu; pelo Com-Trato foi estabelecido um pacto; quando a gente partilhou as inquietações, sentiu-se que as inquietações das pessoas com deficiência eram similares às das pessoas que não vivem a deficiência. Também, quando estabelecidas as alianças e parcerias para o encontro de soluções comuns, foram identificadas as potencialidades, sendo mais reconhecidas as barreiras que as deficiências, por exemplo: a maior participação de políticas públicas voltadas para satisfazer as necessidades, uma vez que é preciso auxiliar as pessoas com deficiência a partir de suas reais necessidades.

Foi importante escutar os participantes do *Workshop*. Eles participaram de maneira fluída na CoCriação de perguntas inspiradoras, na partilha das inquietações. Foi perguntado para eles, por exemplo, como eles poderiam/gostariam de dançar, respondendo e colaborando para facilitar a comunicação e interação entre todos. Fizeram várias perguntas. Teve compreensão na roda a escuta de todos. E, junto com as nossas reflexões e as ideias de orientação, conseguimos a satisfação no grupo. Foi formada umaagregorade tão forte que foi a conexão, a presença, a consideração e o sentimento.

No início da pesquisa, pensamos nas diferenças do grupo de trabalho, uma pessoa trabalha principalmente com proteção ao cidadão, outra com ensino e outra com saúde no atendimento a pessoas. Depois, com o tempo, percebemos que as nossas diferenças e as nossas áreas tinham muito em comum. Porque as três áreas: saúde, educação e segurança, são muito excluídas e menos investidas. Então, fomos descobrindo quanto tem de semelhança na diferença.

A aplicação das 7 práticas na Semana de Extensão na Universidade foi uma imersão, de manhã aplicando o método; à tarde reunimo-nos para a orientação; e, depois nós três ficávamos juntos para avaliar a experiência com os participantes; o que tinha acontecido na aplicação e o que tinha sido dito na orientação. Isto, para ajustar ou adaptar o planejamento do que seguia dentro dos preceitos. Como também, pensando no documento escrito. Foi um trabalho em conjunto com as nossas orientadoras e o público participante.

Vimos a importância das reuniões diárias após cada aplicação, unindo a experiência de nossas orientadoras; a nossa vontade de aplicar

e ir além da teoria no desenvolvimento do *Workshop*; e, o público na expectativa e esperança de Convivermos juntos, enriquecendo entre todos o propósito desta pesquisa.

A gente aprendeu em cooperação a trabalhar como se fossemos um. Tanto na escrita, na aplicação e como na apresentação da nossa pesquisa. Aprendemos a cooperar de uma maneira mais natural, aplicamos tudo entre a gente e entre todos. O texto foi escrito a seis mãos. Enquanto mais a gente se conhecia, mais aprofundamos no Com-Tato, no Com-Trato e nas relações. A Pedagogia da Cooperação foi acontecendo na história do processo, no percurso. Essa interação e essa convivência favoreceram a sincronicidade.

Convém ressaltar, nesse processo, a importância da relação interpessoal por se tratar de uma dinâmica que envolve outra pessoa além de você mesmo. A convivência entre as pessoas, requer um conjunto de habilidades que podem ser desenvolvidas e adotadas como ferramenta favorável à conexão e à interação com as pessoas ao seu redor. A habilidade social pode ser identificada pela nossa capacidade de demonstrar empatia, fazer amizades ou outras relações, demonstrar destreza profissional, assertividade, civilidade, autocontrole e outras referências comportamentais e de temperamento. Esta pesquisa contribui também para promover relações interpessoais e habilidades sociais.

Na aplicação do método, as pessoas conviveram, trabalharam juntas de maneira natural e fluida. Isso ficou comprovado, quando o Com-Tato e o Com-Trato funcionaram como base para as outras práticas, no que tange à importância do cuidado em relação às necessidades. Porque cada um tem uma necessidade, é isso que tem que ser cuidado. Convém ressaltar também a importância da escuta e a maneira pela qual se faz essa escuta, já que cada um tem uma maneira de se expressar, demandando um trabalho de atenção específica. Dessa maneira, os 4 princípios da Pedagogia da Cooperação estiveram bem presentes no nosso trabalho. O cuidado com o “*Eu existo com*” assim se demonstra: cada princípio está ligado ao outro. Se eu não existo, eu não convivo; se eu não convivo, eu não coopero; se eu não coopero, não vivo em comunidade.

Referências

- ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade**. Brasília: UnB, 1995.
- ANCHISES, M. C.; KAFURE, Ivette. Projeto PÉS. Movimentos, encontros e influências. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 7, p. 196-206, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015**. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei Brasileira de Inclusão.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **A Pedagogia da Cooperação: para um mundo onde todos podem VenSer**. Pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas – UNIP, São Paulo, v. 4.5, 2018. [No prelo].
- BROTTO, Fabio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 197 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274877>>. Acesso em: 26 jul. 2018.
- CAMPOS, Rosana T. Onocko; CAMPOS Gastão Wagner de S. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In: Campos G. W. S; Minayo M. C. S; Akerman M; Junior M. D, Carvalho YM, organizadores. **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec; 2006. p.69-714.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Trad. de Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CUNHA, Antônio Gerando da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. 4.ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

- DRUCKER, Peter Ferdinand. **A Administração na Próxima Sociedade**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Nobel, 2002. p. 164-165.
- EISLER, Riane. **O Poder da Parceria**. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Semana Universitária 2019. Disponível em: http://www.extensao.fci.unb.br/index.php/galeria?id=1:23-09-2019&subcategories_order=alpha&files_order=ordering&start=32
- FERNANDES, Jacqueline. **A teoria dos cinco elementos da natureza: Ayurveda**. Disponível em: <https://www.nowmaste.com.br/a-teoria-dos-cinco-elementos-da-natureza-ayurveda/>. Acesso em: 17 out. 2019.
- GAIA. **Grupo de Aprendizagem em Interdependência e Autonomia**. Pernambuco: Unipaz Pernambuco, 2015. Disponível em: <http://www.unipazrecife.org.br/GAIA.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap)**. Disponível em: <https://www.terracap.df.gov.br/>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- HAMMEL, Joy; CHARLTON, Jim; JONES, Robin; KRAMER, Jessica. M.; WILSON, Tom. Dos direitos da incapacidade à conscientização esclarecida. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. Williard & Spackman. **Terapia Ocupacional**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p. 880-900.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- IORIS, Maiara Nicolodi. “Não quero faca nem queijo: quero fome”: a cultura na promoção da saúde mental. **Porto Alegre; s.n; 2010. 48 p.**
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MAIOR, Izabel; BEZERRA, Benilton. **Deficiências e Diferenças**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29JooQEOCvA>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- MARINS, S. C. F.; EMMEL, M. L. G. Formação do terapeuta ocupacional: acessibilidade e tecnologias funções com autonomia e funcionalidade, atribuindo qualidade ao seu desempenho. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, Jan/Abr 2011, v. 19, n.1, p. 37-52.

- MERHY, Emerson Elias. **Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde.** In: Merhy, E. E.; Onocko, R. (Org.). *Agir em saúde: um desafio para o público.* São Paulo: Hucitec, 1997.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **O re-inventar da inclusão:** os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Editora Vozes. RJ. 1999.
- PABLO, C. G. **Significado de La terapia Ocupacional: Implicaciones para lamejorpráctica.** 2015. Disponível em: <www.revistatog.com/mononum7/significado.pdf> Acesso em: 10 abr. 2019.
- PEBMED. **Conteúdos feitos por médicos para médicos para auxiliar o profissional de saúde na hora da tomada de decisão clínica.** 2016. Disponível em: <https://pebmed.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. **A Resiliência.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SAINT-JEAN, M. Organização do trabalho e saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 48-51, 2003.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.
- SCHKADE J. K; SCHULTZ S. Occupational adaptation: toward a holistic approach for contemporary practice, Part 1. **Am J Occup Ther.** 1992 Sep; 46(9):829-37.
- SILVA, Denise Conceição da; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; FIGUEIREDO, Paula Alvarenga de. **Tecnologias leves em saúde e sua relação com o cuidado de enfermagem hospitalar.** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 291-298, Jun 2008.
- TÁVOLA, Artur. **Comunicação é mito:** televisão em leitura crítica. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.
- TOLDRÁ, R. C. et al. Desafios para a inclusão no mercado. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 158-165, maio/ago. 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB. UnB Decanato de Extensão.
Semana Universitária UnB 2019: Encontros que transformam.
Disponível em: [http://dex.unb.br/editalsemuni2019/
category/184-semana-universitaria-2019](http://dex.unb.br/editalsemuni2019/category/184-semana-universitaria-2019). Acesso em: 03 jul. 2019.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB. Decanato de Assuntos
Comunitários (DAC). **PPNE Coordenação de Apoio a Pessoas
com Deficiência.** Disponível em: [http://accessibilidade.unb.
br/](http://accessibilidade.unb.br/). Acesso em: 02 fev. 2019

Apêndice

Planejamento realizado do *Workshop* para quem Vive e não Vive a Deficiência, Viver em Co-Existência

Primeiro dia

Para o primeiro encontro foi necessário, conhecer, seguir o ritmo dos participantes, focar nas barreiras e potencialidades. Por exemplo, se cada um tinha a sua deficiência, cada um podia falar de suas próprias particularidades. Foi elaborado o Com-Trato de convivência para cuidar das necessidades do grupo.

Segundo dia

Para o segundo encontro, no contato que foi a primeira prática da Pedagogia da Cooperação, foram aplicadas várias técnicas, por exemplo, a metodologia da Investigação Apreciativa (IA) e o World Café (WC). Na IA o importante foi que todos os participantes reconheceram o seu potencial e a partir dos próprios meios, recursos materiais e subjetivos, para ultrapassar as barreiras e os obstáculos que os impediam de alcançar os seus objetivos. Na IA utilizaram-se perguntas que descreveram sonhos e propósitos, ou seja, que valorizaram o subjetivo, para promover mudanças positivas.

No WC há uma liberdade na escrita onde surge o destaque das barreiras e potencialidades. O World Café é uma metodologia de conversa em grupo bastante utilizada em todo o mundo e facilita o engajamento das pessoas.

Terceiro dia

No terceiro encontro, para a primeira prática do Com-Tato, foi realizada uma dinâmica lúdica para engajar o grupo com perguntas meta-

fóricas, por exemplo: “Se eu fosse um filme, se eu fosse bicho...”. Foi revisado o Com-Trato. Foi realizado jogo de convivência “Carente, vítima, dançarino e perguntador”, foram dois minutos para cada papel ao som de uma música. Depois foi perguntado qual a dessa relação com a vida, como cada um se identifica e o que sua “deficiência” interferiu nesse jogo.

Comunicação Não Violenta (CNV), com perguntas, tais como: como me sinto? qual a minha necessidade? pedidos de conexão (quais as necessidades do outro?) pedidos de solução? a fim de compartilhar inquietações e fortalecer alianças.

O encontro foi celebrado e encerrado com a escolha de uma cor, relacionando-a com seu sentimento no momento.

Quarto dia

Para o acolhimento, neste dia foi realizado o Com-Tato, a revisão do Com-Trato e a socialização de inquietações.

A idéia foi reunir soluções comuns, logo, foi composto um mapa de competências, fazendo perguntas relacionadas aos Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHAs). Foi entregue a cada participante quatro folhas de diferentes cores, na respectiva ordem: verde - o que fortalece; rosa - o que existe no coração; amarelo azul - qual o sonho - para escrever em cada uma delas, quais habilidades existem.

Foram elencadas as In-Quietas-Ações do segundo dia sobre as questões de convivência e deficiência, escolheram-se as inquietações mais significativas.

Foi realizada a divisão em grupos de três ou quatro integrantes para se colocarem no lugar do outro. Foram reunidas as soluções comuns, partindo das competências e das inquietações. Foi proposto pelos facilitadores a construção de um manifesto.

A celebração e encerramento do encontro foi com o partilhamento de sentimentos e perspectivas.

Quinto dia

Foram realizadas dinâmicas para o Com-Tato e revisto o Com-Trato.

Foram divididos os participantes em grupos de duas pessoas, para elaborar itens do manifesto a partir do mapa de competências e das In-Quietas-Ações, que foram escolhidas no segundo dia. Foram reunidas as soluções comuns - quinta prática da Pedagogia da Cooperação.

Foi retomado o círculo composto por todos os participantes que socializaram os itens do manifesto elaborados na etapa anterior.

Os participantes dialogaram e sintetizaram os itens em um único manifesto (Realização do Projeto de Cooperação - CoCriar - sexta prática da Pedagogia da Cooperação).

Foi celebrado, sétima prática da Pedagogia da Cooperação, o manifesto com uma dinâmica de rede utilizando barbante, que representou uma Comum-Unidade. A dinâmica iniciou com uma pessoa que segurou a ponta do barbante. Depois, a entregou para outra pessoa com um elogio. E assim, sucessivamente. Lembrando que a primeira pessoa que entregou o barbante foi a última a ser elogiada.

Minibiografias dos Autores



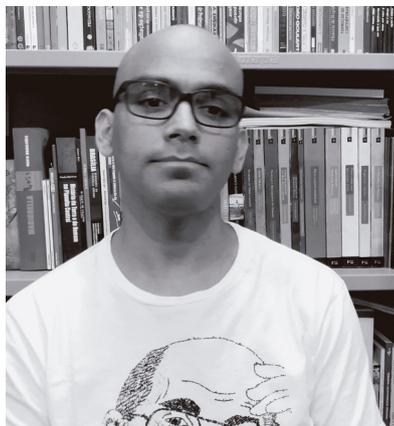
Ivette Kafure Muñoz

Ivette de Cali nasceu na Colômbia, gosta de arte e ensino-aprendizagem. Fez doutorado em Ciência da Informação na Universidade de Brasília (UnB), lugar em que trabalha como professora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI). Realizou mestrado em Informática na Universidade Federal de Campina Grande no Brasil. Em Cali, na Universidade del Valle, especializou-se em Práticas Audio-visuais. Na Universidade da Paz (Unipaz), em colaboração com a Universidade Paulista (Unip) no DF, fez a especialização em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas. Sua graduação foi em Engenharia de Sistemas, na Universidade Autônoma de Manizales na Colômbia. É líder do Grupo de Pesquisa Fatores Humanos na Interação e Comunicação da Informação - FHICI (FCI/UnB). Atua em temas relacionados aos aspectos sociais e fatores humanos na interação de-e-entre seres humanos, práticas informacionais, desenho universal, cooperação, inclusão, mediação e comunicação da informação.



Maiara Nicolodi Ioris

Maiara nasceu no interior do Rio Grande do Sul, cresceu no Centro Oeste e tem um sotaque multicultural. Não gosta de rótulos, pois a mudança e os sonhos lhe movem. Adora trabalhar com pessoas, com a vida cotidiana, reconhecendo talentos e fortalecendo habilidades. Da essência que está em todas as coisas. Do que desabrocha. Da inclusão e seus aprendizados. Das vidas que se unem. Trabalha como Terapeuta Ocupacional na promoção da saúde mental, utilizando abordagens integrativas, da ocupação humana e métodos colaborativos. Especializada em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas pela Universidade da Paz (UNIPAZ) em colaboração com a Universidade Paulista (UNIP). Atua na área de Saúde Mental, na saúde pública no DF e realiza atendimentos particulares. Recebeu o Título de Especialista Profissional em Terapia Ocupacional em Saúde Mental pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) em 2013. Especializada em Saúde Mental pelo Programa de Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição em Porto Alegre - RS. Formada em Terapia Ocupacional pela UFMG em 2006. Interessada em equilíbrio ocupacional, práticas integrativas em saúde, comunidade, envolvimento colaborativo, natureza e arte.



Fernando Henrique Lopes Pereira

Fernando Henrique Lopes Pereira chegou ao Mundo em Brasília-DF no dia 25 de março de 1983. Amante da Arte, da Ciência e da Educação, ingressou na Polícia Militar do Distrito Federal em 2002 e, desde então, segue fazendo do trabalho policial um meio de promoção dos Direitos Humanos e de transformação social rumo à utopia da sociedade livre, igualitária, justa e fraterna. Em 2019 concluiu uma Especialização em Pedagogia da Cooperação onde conheceu Maiara e Ivette amigas na realização de mais essa jornada literária. Ser pai de Marina Izadora também lhe incentiva a usar da escrita como meio de tecer redes e caminhos de Com-Vivência e Bem Viver.



Este livro propõe facilitar a convivência entre pessoas que vivem e não vivem a deficiência (isto é, que vivem a deficiência de maneiras diferentes) com a criação de espaços de conexão, identificação das necessidades de pertencimento, reconhecimento das potencialidades existentes entre as pessoas; construção de soluções criativas para “Com-Vivência” e sensibilização sobre a importância do senso de “Comum-Unidade”.

A Pedagogia da Cooperação é um poderoso instrumento de ampliação de consciência e mudança social, onde os participantes podem experimentar na prática a força de um grupo cuja cooperação se baseia em princípios, não em circunstâncias.

Faz parte da metodologia elaborar projetos de cooperação. Esta obra é para todos que precisam conviver com o diferente em seu dia a dia.



ISBN: 978-65-87555-01-0

CD



9 786587 555010